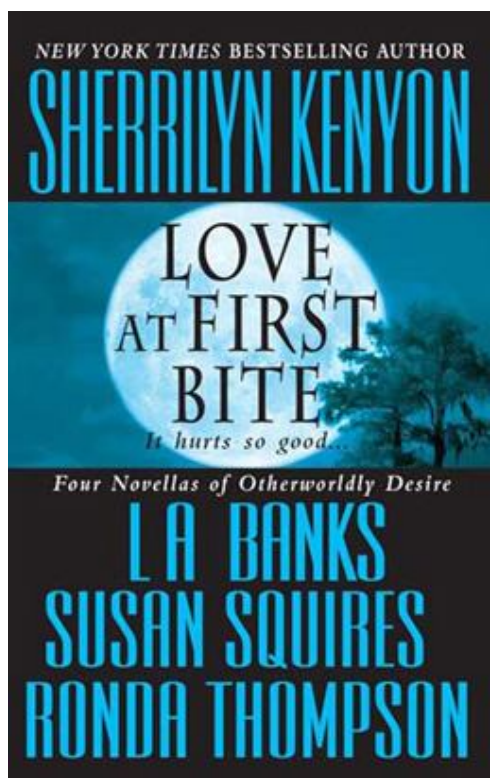




Até que a morte nos Separe

Love at First Bite

Disponibilização/Tradução: Sarah Gomes

Revisão e formatação: Meli Dumbledore

Logo/arte: Mare

Projeto Revisoras Traduções

Projeto Revisoras traduções espanhol e inglês





PERFIL DO VELKAN:

Ano de nascimento: 1450

Lugar de nascimento: Moldávia

Lema: Confia só naqueles a quem ama. Assim não ame a ninguém.

Canção favorita: Bad Magic, do Godmasck

Lugar no que se encontra atualmente: Transilvânia

Velkan era o filho ilegítimo de uma princesa húngara e um príncipe moldavo que, como Vlad Dracul, pertenceu à Ordem do Dragão, e que se criou e cresceu com seu pai, lutando contra os invasores. Quando tinha treze anos, seus irmãos foram capturados e escravizados por seus inimigos, e correu o rumor de que mesmo Velkan (que todos acreditavam que era um bruxo) também tivesse sido feito escravo a não ser por um pacto que fez com o Diabo para obter sua liberdade. Ele tinha jurado a si mesmo que ninguém lhe escravizaria ou domaria e aos quinze anos liberou o único de seus irmãos que ainda seguia com vida.

Aos vinte e seis anos, destruiu um bando de invasores que tinham atacado e saqueado um grupo de monjas a caminho de Trigoviste. E foi ali onde conheceu uma das noviças que tinham tentado violentar e assassinar, Esperetta. A mulher provinha da Valaquia e era a filha do autêntico Vlad Dracul, um dos inimigos mais odiados de seu pai. Ambos se apaixonaram e se casaram em segredo, jurando solenemente que se amariam para sempre... desgraçadamente, -para sempre- cobra um novo significado no mundo dos Caçadores Escuros.

Por uma traição, Velkan e Esperetta são agora Dark Hunters e se odeiam mutuamente.



LOVE AT FIRST BITE

Until Death Dou Us Part

Há quinhentos anos a alma da Esperetta estava unida a seu marido pela força da magia escura, e quando Velkan se transformou em um Caçador Escuro, ela, para seu horror, também se converteu em imortal. Agora, ambos devem lutar de novo juntos frente a um antigo e poderoso inimigo... e frente à paixão que ameaça os consumirem de novo.

Sherrilyn Kenyon



Prólogo

Romênia, 1476

Ele retornava por ela. Ela sabia. Esperetta, da casa de Dracul, podia lhe ouvir fora na fria escuridão. Oculto. Ameaçador.

E estava se aproximando.

Perto.

Tão perto que ela podia sentir sua respiração sobre sua pele. Ver seus diabólicos olhos quando ele implacavelmente a espreitava através da noite enquanto ela escapava dele.

Ele a queria morta.

-Esperetta...

Havia magia nessa profunda e sedutora voz. Isto sempre tinha tido a habilidade de debilitá-la. De embalá-la até o estupor. Mas não podia entregar-se a isso agora. Não depois de saber o monstro que ele era realmente.

Ela tropeçou através da escuridão enquanto a névoa parecia envolver-se ao redor dela, obrigando-a a ir mais devagar. O uivo dos lobos ressonava no vento que se deslizava através de seu vestido e sua capa como se estivesse nua nos bosques.

Ela tropeçou e caiu contra uma parede de sólido aço. Não, aço não.

Era ele.

Aterrorizada, levantou o olhar com um grito de assombro ante esses profundos e escuros olhos que estavam bordejados em vermelho. Mas isso não era o que a assustava. Era o fato que ela levasse o vestido branco com o que a tinham enterrado. O fato de que tivesse escavado seu caminho para sair de sua própria tumba sob o peso da lua cheia para encontrar-se só na igreja do cemitério. Ela tinha ficado olhando fixamente para a lápide que tinha seu nome e data de nascimento por quase uma hora antes que encontrasse coragem para deixar esse lugar.

Já não estava na Moldávia onde tinha estado antes de ir dormir, ela estava outra vez de volta na Transilvânia. No cemitério do Castelo de seu



pai. Precisando entender o que lhe tinha acontecido ela se dirigiu a sua casa, só para encontrar um horror pior que despertar em seu próprio sepulcro.

Ela tinha visto seu marido assassinar seu pai ante seus próprios olhos. O vendo entregar alegremente a cabeça de seu pai a seus inimigos. Gritando, tinha deslocado do grande hall, saindo na noite.

E tinha se deslocado sem parar até agora. Agora ela estava nos braços do homem cuja negra armadura estava coberta com o sangue de seu pai. O homem a que tinha jurado amar por toda a eternidade.

Mas este já não era o homem que ela amava. Este era um monstro. Um mentiroso. Mesmo tendo a mesma imponente altura. O mesmo comprido e ondulado cabelo negro, as encantadoras feições aristocráticas, mas não era Velkan Danesti quem a sustentava agora.

Era o diabo.

-Deixe-me ir!- grunhiu ela, arrancando-se violentamente dele.

-Esperetta, Me escute!

-Não!- gritou ela, apartando-se quando ele tentou tocá-la outra vez. - Você me matou. Você matou meu pai.

Ele franziu o cenho e se ela mesma não tivesse visto seu lado escuro, possivelmente acreditasse na sinceridade que ele fingia.

-Não é o que você pensa.

-Eu vi você matá-lo.

-Por que ele a matou.

Ela sacudiu a cabeça negando. -Lembre-se! Você foi o único que me deu o veneno. Você! Não meu pai. Ele me amava. Ele nunca me faria mal

-Seu pai te apunhalou quando viu que morria e depois ele me torturou até a morte.

Não obstante, não lhe acreditou. Ele estava mentindo e ela sabia. Quando Velkan lhe tinha dado o bálsamo para dormir havia dito que isto a faria dormir tão profundamente que ninguém saberia que ela estava viva. Ele tinha prometido não enterrá-la já que esse sempre tinha sido seu medo. Havia dito que despertaria em sua cama, com ele a seu lado e eles seriam livres para estar juntos para sempre.



Agora, ela sabia que ele tinha planejado tudo fazia tempo. Assassiná-la a ela e seu pai, de modo que pudessem ficar com suas terras. Velkan não a amava. Ele a tinha utilizado e igual a uma estúpida, ela tinha se jogado em suas mãos e ele havia tirado a vida de seu pai.

Correu outra vez pelo bosque só para que Velkan a alcançasse.

Tentou liberar-se, mas ele sustentava seu braço em um firme agarre.

-Me escute, Esperetta. Você e eu estamos mortos.

Ela franziu o cenho ante ele.

-Está louco? Eu não estou morta. Só dormi como você disse que o faria. De que loucura está tentando me convencer?

-Nenhuma loucura - disse ele, seus olhos ardendo dentro dela. - Quando nos casamos, eu ateí juntas nossas almas. Disse-te essa noite que eu não queria existir sem ti e me referia a isto. Quando seu pai te assassinou, eu jurei me vingar dele e depois de que ele me matou, uma deusa veio e me ofereceu um trato. Eu lhe vendi minha alma em troca de poder te vingar e matá-lo. Por ti. Mas por estar vivo, você vive. Nós estamos unidos para sempre. Então ele fez a coisa mais incrível de todas. Abriu sua boca para lhe mostrar um par de compridas e agudas presas.

Seu coração pulsou aterrorizado. Não podia ser! Este não era seu amado marido, ele era um maldito demônio.

-Você está associado com Lúcifer. Meu pai tinha razão. Todos os Danesti são uns diabos que devem ser purgados da terra.

-Não sou um diabo, Esperetta. Meu amor por ti é puro. Juro.

Ela franziu os lábios ante ele quando tentava liberar o apertão sobre seu braço.

-E meu amor por ti está morto- cuspiu ela antes de correr através da névoa uma vez mais.

Velkan se obrigou a ficar e não seguiu-la outra vez. Sua esposa era jovem e ela tinha passado por um choque essa noite.

Ela voltaria para ele. O estava seguro disso. Em toda a violência e horror de sua vida, ela tinha sido a única coisa que ele tinha tido que fosse boa e gentil. Ela sozinha havia tocado seu longamente morto coração e por causa disso vivia outra vez. Certamente ela não



permaneceria zangada com ele. Não quando tudo o que ele tinha feito era protegê-la.

Ela veria a verdade e retornaria.

-Retorna logo a mim, minha Esperetta. E então ele pronunciou a única palavra que nunca antes tinha saído de seus lábios. -Por favor.

Capítulo 1

Chicago, 2006

-Só por curiosidade, Pode um imortal morrer sufocado por um pãozinho?

Retta Danesti enviou um feroz olhar a sua melhor amiga enquanto tentava tragar o bocado que estava dolorosamente preso em sua garganta. Ao ser uma troca-formas que tinha sido sua melhor amiga há quase quatrocentos anos, Francesca estava bem inteirada de que o marido de Retta tinha vendido suas almas à deusa Artemisa e por defeito tinha feito a Retta imortal.

E as últimas notícias de Francesca a tinham surpreendido tão mal que tinha aspirado uma parte de pãozinho na garganta, onde lhe queimava como fogo.

Francesca a golpeou ligeiramente entre as omoplatas.

-Vamos pequena, sabia que isto lhe aborreceria, mas não tinha intenção de te matar com isso.

Retta alcançou sua garrafa de água e finalmente desengasgou sua garganta embora seus olhos choravam sem trégua.

-Agora, o que acaba de me dizer?

Francesca pôs suas mãos sobre seu colo e a olhou fixamente.

-Seu marido abrirá o parque temático Drácula na Transilvânia no próximo verão e a atração principal são os restos mumificados do Vlad, o Conde Drácula. Aparentemente Velkan vai deixar o corpo aos cientistas



de modo que possam analisar os restos e provar que é o Empalador da lenda medieval.

Cada parte da Retta estava fervendo.

-Que bastardo!- Ela se encolheu quando se deu conta que várias cabeças na cafeteria se voltavam para ela.

Francesca baixou a voz e falou por trás da mão.

-Ele não tem realmente os restos de seu pai, verdade?

Retta recuperou sua água enquanto desejava que um cento de maldades caísse sobre a cabeça de Velkan. Incluindo a peste e pragas que fariam que certa parte de sua anatomia se murchasse e se decompusesse.

-É possível. Depois de tudo, Velkan o assassinou, e foi ele que provavelmente o enterrou. Embora duvide que conserve a cabeça, já que deu isso aos inimigos de meu pai.

Ela apertou a garrafa com mais força.

-Maldito seja! Primeiro dá ao Stoker esse ridículo livro, depois começa as visitas, depois o restaurante e o hotel Drácula, e agora isto. Juro-o, Deus é minha testemunha, vou fazer uma tocha e matá-lo de uma vez por todas.

Os brilhantes olhos azuis de Francesca ardiam com a preocupação. Embora ela fosse um lobo em forma animal, esses olhos eram muito felinos quando humana. A única coisa que a Francesca humana compartilhava com sua loba, era seu grosso e escuro cabelo castanho. E os rápidos reflexos.

-Te acalme Retta, sabe que ele só está fazendo isto para te irritar.

-E está conseguindo.

-Vamos, ele realmente não faria isto.

-Para me recuperar? Sim, faria. - Ela apertou os dentes com frustração enquanto continuava invocando a cólera do inferno sobre a cabeça dele. Por séculos Velkan não tinha feito outra coisa senão golpeá-la e a sua família. -Odeio a esse homem com cada fibra de meu ser.

-Por que se casou com ele então?

Isso era algo em que ela não queria pensar. Mesmo quinhentos anos depois, ela podia ver a noite em que se conheceram claramente em sua mente. Ela estava a caminho do convento, após uma visita que tinha feito



a seu pai, quando sua caravana foi atacada pelos Turcos. Eles tinham matado a todo mundo exceto a ela e estavam a ponto de violá-la quando seus salteadores tinham sido repentinamente decapitados.

Muito assustada também para gritar, tinha permanecido tombada no chão, coberta pelo sangue deles, esperando sua própria morte enquanto observava aos homens de armadura que estavam se encarregando dos poucos assaltantes que tinham escapado.

Vestido completamente com uma lustrosa armadura negra, que tinha uma serpente dourada como emblema, o cavaleiro que tinha matado seus assaltantes e a tinha envolto rapidamente em sua capa debruada de pele e a tinha levantado do chão. Sem lhe dizer uma palavra, Velkan a tinha levado no colo até sua casa, onde se assegurou que ela estivesse bem atendida e alimentada.

Ela ainda podia recordar a visão de sua ferocidade, o cru poder que tinha emanado de cada parte dele. Tinha levado um elmo que o tinha feito igual a uma ave de rapina que inspirava terror a seus inimigos. E isto definitivamente a tinha assustado até o centro de sua alma.

Ela não tinha tido idéia de suas feições até aquela noite quando ele havia retornado para ver como estava. Mas não foi sua atitude ou sua força o que a tinha cativado, tinha sido sua incerteza ao redor dela. O fato de que esse homem que tinha sido tão intrépido e forte ante os Turcos havia realmente tremido quando se inclinou a tocá-la.

Tinha sido amor a primeira vista.

Ou assim o tinha pensado.

Seu coração doendo ante as lembranças, Retta curvou seus lábios enquanto desenterrava essa lembrança e recordou que ao final Velkan a tinha traído e assassinado o seu pai.

-Eu era jovem e estúpida, e não tinha idéia em que me estava colocando. Pensei que era um nobre príncipe. Não tinha idéia de que ele logo que era um passo além de um bandido - Ela pegou um chapéu de papel impresso que Francesca havia trazido para ler as Notícias do Yahoo!

-Retrato-me e me desculpo profundamente com todos os personagens da terra por lhes insultar. Ele não é digno de pertencer ao reino dos macacos. Ele é uma lamacenta lesma rasteira.



Francesca afundou suas batatas fritas no ketchup.

-Não sei, a meu parecer é algo doce que ele faça todas essas estupidez para conseguir que você vá vê-lo.

-Sim, claro. -Não é por isso que ele está fazendo. Ele está tentando me torturar e me voltar contra meu pai. Não se trata de sentimentos ternos. Trata-se de um homem desumano. Um homem que, mesmo quinhentos anos depois, não pode deixar a minha família descansar em paz. É um animal - Suspirando, Retta voltou a pôr o papel sobre a mesa e alcançou sua bolsa para tirar seu telefone celular.

-O que está fazendo?-

-Reservando um vôo a Transilvânia de modo que possa assassiná-lo em pessoa. Então deterei estas palhaçadas de uma vez por todas.

Francesca bufou.

-Não, não o fará.

-Sim, farei.

-Então que sejam dois.

Retta teria questionado isso, já que os troca-formas Were-Hunter podiam teletransportar-se de um lugar a outro, mas por alguma razão, Francesca sempre tinha gostado de viajar com ela. É obvio se Retta fosse inteligente, faria Francesca a tele transportasse também, mas, ela odiava viajar dessa maneira, embora fosse virtualmente instantâneo. Ela era imortal, mas gostava de aparentar ser o mais normal possível.

Além disso, se um were-hunter não conhecia a área e se transportava a ela, podia golpear uma árvore ou aparecer repentinamente do nada diante de alguém. Ambas as experiências tinham graves repercussões.

Ela deteve sua discagem para olhar a Francesca jogar mais ketchup.

-Por que vem?

- Depois de todos estes anos te escutando falar do Príncipe Cabeça Oca, quero conhecê-lo por mim mesma.

-Bem, mas recorda evitar olhar fixamente. Ele te chupará a justa quantidade de tutano de seus ossos e te deixará tão moralmente quebrada como está ele.

Francesca deixou escapar um sob assobio.



-Demônios, me recorde não te zangar. Quero dizer, seriamente. Quão mal pode ser ele?-

-Me acredite, eles não trouxeram nada pior que ele. E você está a ponto de ver justamente quanta razão tenho.

Capítulo 2

Retta tinha esquecido a beleza de seu lar. Mas enquanto elas faziam seu caminho através do estreito caminho das montanhas para o hotel onde ela e Francesca ficariam, velhas lembranças lhe veio à cabeça. Mesmo com seus olhos totalmente abertos, Retta podia ver ainda este país tal e como tinha sido quando ali não havia linhas de eletricidade ou modernos edifícios que o danificassem. Nenhuma estrada exceto caminhos sujos pelos cavalos quando atravessaram a paisagem do Wallachian em seu caminho para as aldeias e Bucareste.

Deus, como tinha sentido saudades das montanhas de sua infância. Como uma jovem ela tinha passado incontáveis horas as observando das janelas de seu convento. Não importava a estação, sempre tinham sido impressionantes, igual a um pedaço de céu caído a terra. Sempre tinham capturado sua imaginação e a tinham feito perguntar-se como seria voar sobre as montanhas e explorar os distantes países. É obvio que em sua vida humana tinha sido um sonho impossível. Desde sua morte, ela tinha viajado por todo mundo tratando de escapar da crueldade do Velkan.

Quando deram uma volta com o táxi, passaram por muitas choças de palha que pareciam perdidas no tempo. Algumas, ela podia ter jurado que estavam ali faz quinhentos anos quando tinha fugido desse país para escapar de seu marido.

Ela tinha optado essa noite por não retornar jamais.

E ainda assim, ali estava ela. E levava cada pedacinho de incerteza que tinha tido então. Cada pedacinho de incerto futuro. A única coisa que lhe tinha permitido seguir então, era a amizade de Francesca. Francesca se tinha unido a ela na Alemanha quando Retta tinha estado viajando desde a Wallachia a Paris. Elas tinham se conhecido em uma pequena estalagem onde Retta tinha parado para comer.



Uma forte tormenta tinha chegado repentinamente enquanto ela jantava. Era tão forte que seu condutor se negou a seguir adiante até que parasse. Por causa disso, não tinha quartos livres para alugar. Francesca tinha sido bastante amável de compartilhar seu quarto com a Retta.

Desde essa afortunada noite, elas tinham sido virtualmente inseparáveis. Não havia nada que ela tivesse entesourado mais naqueles séculos que a lealdade e amizade de Francesca.

-Está bem?- Perguntou Francesca

-Só pensava.

Francesca assentiu quando olhou pela janela.

-Esta é a forma em que o recordava?

Ela não fez comentários quando se deu conta que o motorista as estava olhando pelo espelho retrovisor.

-Cabra! - gritou Retta em romeno quando o animal se lançou para a estrada diante deles.

O motorista pisou repentinamente os freios, causando que ela e Francesca se impulsionassem para frente em seus assentos. Ambas deixaram escapar -umphs- quando golpearam a parte de atrás dos assentos dianteiros e ficaram sem respiração. Trocando molestos olhares, voltaram a colocar-se em seus assentos.

Francesca colocou seu cinto de segurança.

O motorista sorriu pelo espelho retrovisor.

-É uma de nós, né? Disse ele em romeno. -Já me ocorria que parecia como uma nativa-

Retta não respondeu. Como poderia? Ele morreria por saber quão nativa era ela. Depois de tudo foi seu infame pai quem tinha feito deste pequeno rincão do mundo um ponto tão turístico.

Esse pensamento lhe fez doer à cabeça quando recordou a turbulenta época de seus anos mortais. Este país tinha sido coberto de sangue enquanto batalha atrás de batalha eram liberadas entre o povo Romeno e os Turcos. Entre sua família e a de seu marido quando competiam pelo poder político. Ela tinha pensado estupidamente que ao casar-se com Velkan ela poderia acabar a guerra e a hostilidade entre suas famílias de modo que pudessem centrar-se nos países invasores.



Esse engano e a bem conhecida tragédia de suas vidas durante o século quinze seria o que conduziria a um homem chamado William Shakespeare a escrever Romeu e Julieta cem anos depois. E ao igual a seus pares, seu matrimônio secreto os tinha levado ambos a suas mortes.

Mas tinha sido a magia negra de seu marido a que lhes tinha permitido sua ressurreição e imortalidade. Maldito fosse! Mesmo depois de todos esses séculos ela não podia lhe perdoar. Além disso, essas poucas vezes que ela se debilitou, ele sempre tinha feito algo para renovar sua cólera.

Ela deixou esse pensamento de lado quando chegaram ao hotel. Saiu primeiro enquanto o motorista ia tirar suas malas do porta-malas. Retta olhou para o pitoresco hotel com seu alto terraço negro arqueado e estilizada decoração em negro. A escuridão se estava assentando quando ela tomou a mala do homem e lhe pagou sua tarifa.

-Obrigado- disse ele.

Retta assentiu com a cabeça enquanto ela e Francesca se dirigiam para as escadas de madeira escura do hotel.

Francesca franziu o cenho ante um cartaz que estava sobre um quadro de anúncios no pé da escada. Era idêntico a vários outros, exceto pelo fato de que este estava escrito em inglês.

-Viu isto? O tour do Drácula começa em uma hora ante a velha igreja.

Retta se enfureceu.

-Uma urticária sobre seu testículo

Francesca riu ante isso.

- Isso é duro.

-Sim, é. Mas ele se o pior- Bastardo-

-Posso lhe ajudar com suas malas?

Retta saltou ante a profunda, acentuada voz que apareceu de repente. De onde diabos tinha saído? Voltando-se, ela encontrou o olhar de um bonito homem em seus tardios vinte que permanecia de pé frente a ela. Um homem que se parecia o suficiente a Francesca para ser seu irmão, cabelo castanho escuro e chamativos olhos azuis.

-Você trabalha no hotel?

-Sim, minha senhora. Meu nome é Andrei e estarei aqui para servi-la em tudo que você necessite.



Francesca riu, mas Retta tinha uma ligeira suspeita que seu duplo sentido não era por falar um idioma diferente. Ele sabia que estava oferecendo.

-Obrigado, Andrei- disse ela friamente quando lhe estendia sua mala. -
Só precisamos nos registrar-

-Como desejar...Madame?

-Sim, ela é uma madame, eu sou uma senhorita- disse Francesca estendendo também a ele sua mala.

-Sabia que deveria te deixado em Chicago- resmungou quando Francesca lhe fez uma piscada ao bonito romeno. Ainda assim ela não estava flertando com ele, o qual para Francesca era um princípio.

-Estou seguro de que ambas desfrutarão de sua estadia no Hotel...—ele se deteve para dar efeito antes de soltar a próxima palavra com um autêntico acento romeno—...Drácula. Temos um especial esta noite. Filé com um molho de uvas negras e picadinho de alho sobre o purê de batatas para manter afastados a esses malvados vampiros- Havia um débil brilho em seus olhos que Retta não encontrava encantador ou divertido.

Mas bem, incomodava-a.

-Imagino que o alho manterá afastado a muito mais que vampiros, né, Andrei? Disse ela sarcasticamente.

Ele não falou enquanto lhes dirigia pelas escadas para as portas do hotel. Havia uma típica cabeça com asas de morcego sobre cada porta que se abria a um corredor vermelho sangue. Havia diversas fotos de Hollywood de Drácula por toda parte, junto com esboços e pinturas sobre o pai da Retta.

E sua “favorita” era a taça dourada em um suporte com a placa que declarava que esta era a taça que seu pai tinha colocado no centro da Praça de Tîrgoviste. Ele tinha proclamado o seu país tão livre de crime que a tinha posto ali para tentar aos ladrões. Aterrorizados nenhum tinha ousado sequer tocá-la. Tinha permanecido no lugar durante todo seu reinado.

Justo ao lado disto, havia o que parecia ser uma estaca com sangue seca e uma placa que dizia que esta era a que seu pai tinha usado para trespassar um monge por lhe mentir. A bÍlis lhe subiu à garganta.



-Não tem a sensação de ter entrado em um pesadelo?-Perguntou Retta a Francesca

-OH, vamos. Desfruta-o-

Sim, claro. A única coisa da que ela desfrutaria seria de lhe pegar ao Velkan tão forte nas Pelotas que lhe saíssem pelo nariz. Hmmm... possivelmente fosse filha de seu pai depois de tudo. Por uma vez ela entendeu a profunda necessidade de seu pai de torturar seus inimigos.

Andrei as conduziu através do corredor.

-Quererão entradas para o tour de esta noite?

Retta respondeu sem pensar.

-Igual a outro buraco em minha cabeça-

Ele franziu o cenho ante ela.

-Essa é a equivalência americana a “não obrigado” - disse Francesca rapidamente.

-Que estranho. Quando eu estive em Nova Iorque era a equivalência pára “de nenhuma fodida maneira”.

-Esteve em Nova Iorque? Quando? Perguntou Francesca em um tom assombrado.

-Faz um ano. Foi... interessante-

Algo estranho passou entre eles.

Retta sacudiu a cabeça. -Deve ter sido um autêntico choque de cultura para você.

-Levou um pouco me acostumar, mas desfrutei de minha estadia ali.

-O que te fez retornar?- Perguntou Retta

Seu olhar fixou-se na sua como se soubesse quem e o que era ela.

-Uma vez que a Transilvânia está em seu sangue, jamais te abandona.

Retta se desentendeu disso.

-Me diga Andrei. Conhece o Viktor Petcu?

Ele arqueou uma atrativa sobrancelha.

-E por que desejaria você falar com ele?

-Sou uma velha amiga.

-De algum jeito o duvido, já que eu conheço todos seus velhos amigos e teria recordado a uma mulher tão formosa em seu passado.

Alguém estalou a língua.



Retta se voltou para a recepção para encontrar a uma mulher movendo-se até deter-se ante o velho livro passado de moda que havia ali. Aparentando ao redor de quarenta anos, ela estava vestida à maneira tradicional Romena, uma blusa camponesa e uma saia folgada. Alta e absolutamente chamativa, ela era alguém que Retta não tinha visto em quinhentos anos.

Certamente não podia ser...

-Não é ao Viktor a quem quer Andrei- disse a mulher, indicando a Retta com uma inclinação de seu queixo. -Ela está aqui pelo Príncipe Velkan.

-Raluca? - Retta ofegou enquanto ficava olhando atônita à mulher.

Ela se inclinou ante ela.

-É bom tê-la outra vez em casa, Princesa. Seja bem-vinda.

Com a boca aberta, Retta se aproximou lentamente à mulher de modo que pudesse estudar suas feições. Ela parecia mais velha do que tinha sido quando Retta a tinha visto a última vez. Só que essa vez tinha sido uma faxineira no castelo do pai de Retta.

-Como é possível?

A mulher olhou ao Andrei antes de responder. -Sou uma Were-Hunter, Princesa.

Were-Hunter. Eles estavam relacionados com os vampiros ou Daimons aos que seu marido tinha sido criado para matar. Os Daimons tinham sido uma vez mortais que tinham enchido o saco do deus Grego Apolo. Um grupo deles tinha assassinado à mulher e ao filho do Deus. Como resultado, Apolo os tinha amaldiçoado a ter que beber sangue para viver e a morrer a tenra idade de vinte e sete anos. A única maneira de alongar suas vidas era roubar almas humanas. Os Dark-Hunters tinham sido criados pela irmã do Apolo, Artemisa, para matar aos Daimons e liberar as almas humanas antes que morressem.

Várias centenas de anos depois disso, um antigo rei se casou sem saber com um de sua raça maldita. Quando sua esposa faleceu em seus vinte e sete aniversários, ele se deu conta que seus amados filhos teriam o mesmo destino que sua mãe. Para salvá-los, ele tinha combinado magicamente as almas dos animais com sua raça até que ele encontrou a



maneira de salvá-los. Assim, os Were-Hunters tinham sido criados. Capazes de desafiar as leis da física e com o sentido psíquico altamente desenvolvido, troca-formas viviam por séculos.

Mas era estranho que um Were-Hunter estivesse perto de um Dark-Hunter, sem importar a quem servisse. Desde que os Dark-Hunters tinham sido criados para matar a seu primo Daimons, a maioria dos Were-Hunters os evitavam.

A Maioria.

Retta olhou sobre seu ombro a Francesca, quem estava agora se retorcendo incômoda. Um mau pressentimento passou através da Retta quando se deu conta de que Francesca se tornou amiga dela só umas semanas depois de que ela tivesse fugido da Romênia. Elas se conheciam a uma à outra durante quase quinze anos, antes que Francesca lhe tivesse contado a verdade de sua existência a Retta.

Agora ela tinha uma suspeita que a adoecia.

-Lykos?- perguntou Retta a maluca. Esse era o término Were-Hunter para referir-se ao ramo dos Lobos.

-Raluca é minha mãe - disse Francesca lentamente. -Andrei e Viktor são meus irmãos—é por isso que nunca usei um sobrenome. Não queria que te desse conta que eu era da família.

Retta não podia respirar quando ficou ali com suas turbulentas emoções. Raiva, dor, traição. Estavam todas ali e cada uma queria voltar-se para a Raluca e Francesca, mas sobre tudo, queriam que Retta golpeasse seu marido.

-Já vejo.

-Por favor, Princesa - disse Raluca, seus brilhantes olhos azuis ardendo com intensidade. -Nós só estamos aqui para ajudá-la.

-Então me chame um táxi e me devolva ao aeroporto o antes possível.

Francesca negou com a cabeça.

-Não podemos fazer isso.

Retta a fulminou com o olhar.

-Bem, então. Farei eu mesma - Quando se moveu para o telefone sobre a escrivaninha, Raluca o fez a um lado.



Retta viu a simpatia nos olhos da Raluca quando abraçou o telefone contra seu peito.

-Realmente o sinto, mas não pode ir, princesa.

-OH sim, demônios posso e o farei- Retta se dirigiu para a porta, só para ter ao Andrei bloqueando-a.

-Está em perigo, Princesa.

Ela entrecerrou os olhos sobre ele.

-Eu não, menino. Mas você estará se não sair de meu caminho.

Francesca deu um passo para ela.

-Lhe escute, Retta, por favor-

Ela se voltou para Francesca com um gemido.

-Nem se atreva a começar. Eu pensei que fosse minha amiga-

-Sou sua amiga.

-Uma merda! Mentiu-me. Enganou-me. Você sabia como me sentia a respeito do Velkan e ainda assim, nenhuma só vez me disse que lhe servia.

Francesca a olhou.

-Sim, Retta. O Príncipe Velkan me enviou para cuidar de você por que temia que estivesse sozinha. Como você há dito repetidamente durante todos estes séculos, você era jovem e ingênua. Passou a maior parte de sua vida detrás das paredes de um convento. A última coisa que ele queria era que fosse machucada outra vez, assim que me encarregou seu cuidado. É isso realmente um crime depois de tudo o que passamos juntas?

-Não necessito uma babá. Como pôde jogar a ambos os lados quando você sabia que o odiava?

Esses olhos azuis cantavam com sinceridade.

-Nunca joguei contigo. De acordo, não mencionei que ele tinha me enviado para ficar contigo originalmente. Mas e o que? Nós somos amigas.

-Uh-huh. As amigas não mentem a uma à outra.

-No que menti?

-Disse que nunca o tinha conhecido.

-Ela nunca o conheceu - disse Raluca lentamente. -Eu sou a única que enviou a minha filha atrás de você a pedido do príncipe. Ela era a mais



próxima a sua área quando você partia daqui. Mas Francesca nunca se encontrou com Sua Alteza. Nenhuma só vez.

Isso fazia que Retta se sentisse melhor do que ela queria admitir, mas ainda isso não retificava nada do outro. Todos eles a tinham enganado e ela estava muito cansada para jogar mais a esse jogo.

-Não importa. Vou para casa.

Andrei a bloqueou outra vez.

-Está em casa, Princesa.

-É um demônio- Ela virou à direita, depois à esquerda, para lhe passar.

Ele a pegou em seus braços antes que ela pudesse chegar à porta.

-Não quero te machucar, Andrei, mas se isso me ajuda, farei.

Antes que ele obedecesse, Francesca foi para a porta e a fechou com chave.

-Você não vai.

-Maldita seja!

-Olhe, Jogue-me tudo o que queira, mas precisa estar inteirada de por que te trouxe aqui.

Retta cruzou seus braços sobre seu peito.

-Me deixe adivinhar. Velkan quer me ver?

-Não- disse Raluca, unindo-se a eles. -A única coisa que Sua Alteza queria ver no que se refere a você, Princesa, são suas vísceras fora de seu corpo.

Isso se que a surpreendeu.

-Desde quando?

Foi Andrei quem respondeu.

-Desde meados do século dezesseis quando se fez óbvio que você não tinha intenção de retornar. Ele esteve amaldiçoando seu nome após. Gritando-o, também, possivelmente deveria adicionar.

Raluca assentiu com impaciência.

Por alguma razão em que Retta não queria pensar, isso realmente feria seus sentimentos. Ela tinha assumido que todos seus intentos por caluniar o nome e a reputação de seu pai tinha sido sua maneira para que ela mantivesse o contato com ele. É óbvio, ela não tinha tido intenção de



fazê-lo posto que ainda não estivesse convencida de que ele não tivesse tentado assassiná-la na noite em que lhe deu sua poção para dormir.

-Então por que estou aqui?

Andrei tomou ar profundamente antes de responder.

-Por causa do Stephen Corwin.

Ela se surpreendeu ante o nome. Como no mundo poderia ele estar metido nesta loucura?

-O Agente de investimentos?

-Entre outras coisas - disse Francesca. -Recorda quando te disse que eu tinha um mau pressentimento a respeito dele?

-Você tem maus pressentimentos todo o tempo. Nove de cada dez vezes, eles são atribuídos a pizza ou cerveja estragada.

Francesca a olhou, nada divertida.

-Sim, claro. Recorda quando te disse que seu aroma me preocupava? Que não podia localizá-lo? Bom, fiz algumas investigações e resultou que ele é um membro da Ordem do Dragão. Soa-te familiar?

Retta rodou seus olhos. Ambos, seu pai e seu avô tinham sido membros. Seus epitáfios do Dracul e Drácula tinham provindo de seus membros.

-Essa ordem deixou de existir não muito depois de que Velkan matasse a meu pai.

Raluca negou com a cabeça. -Não, Princesa, não o fizeram. Eles simplesmente se ocultaram e quiseram que o resto do mundo pensasse isso. Foi um primo de Mathias Corvinus quem perdeu a sua esposa para um Daimon. Horrorizado pelo demônio que reclamou a vida dela e sua alma, ele restabeleceu a ordem para purgar o mundo dos não mortos. Eles começaram uma matança de Daimons, e ele terminou chamando seus irmãos para que lhe ajudassem. Mas não se detiveram ali. Eles mataram a nossa gente e também à incontáveis Dark-Hunters. Eles não fazem distinções entre nós. Para eles, um ser sobrenatural é igual aos outros e todos nós deveríamos ser exterminados. Mesmo agora, séculos depois, eles nos caçam sem discriminação, assassinando brutalmente a tudo o que encontram.



Retta se sentiu fatal por isso, mas ainda não podia explicar por que eles queriam que permanecesse ali.

-O que tem isso que ver comigo?

Francesca respirou profundamente antes de responder.

-Eu acredito que Stephen está planejando matar a ti.

Retta bufou ante sua amiga.

-Tornaste-te louca? De maneira nenhuma.

-Recorda a tatuagem sobre seu braço do que me falou? De um Dragão enroscado ao redor de uma cruz? É seu emblema. Ele é um deles, Ret, creia-me.

-Acreditar em você? Depois de todos estes séculos quando não tem feito outra coisa senão mentir para mim? Pensa de novo. Stephen não me faria mal. Ele teve tempo de sobra para tentar.

Francesca lhe dedicou um profundo e significativo olhar.

-Está segura?

Retta vacilou, então odiou a si mesma por isso. Stephen nunca, nenhuma só vez lhe tinha dado um indício de que fosse alguma outra coisa mais que um conhecido, que queria significar algo mais na vida dela. Mas devido a que ela estava tecnicamente casada e era uma imortal, ela o tinha mantido a distância.

-É obvio que estou segura.

-Então por que esteve farejando a seu redor?- perguntou Francesca friamente.

-por que possivelmente gosta?

-Ou está tentando lhes usar para chegar ao Príncipe Velkan - disse Raluca. -Essa foi minha teoria. Por isso é que o príncipe se assegurou de que todas as menções de você e sua mãe fossem purgadas dos arquivos históricos. Ele não queria que ninguém soubesse que Vlad Drácula tinha uma filha, e mais especificamente ele não queria que eles soubessem que você estava casada com ele. Ele sabia que a Ordem lhe perseguiria até o fim da terra se eles chegassem a conhecer sua existência.

- Isso tem sentido- acrescentou Andrei -Os Corvinuses e os Danestis tiveram uma larga história de mau sangue entre eles.

Ainda sim Retta não aceitava seu argumento.



- Isto não é a Idade Média, meninos. Em caso de que não tenham percebido a guerra se acabou.

- Não- disse Andrei, olhando além dela, para a porta.

- Acredito que a guerra está só começando.

Franzindo o cenho ante seu grave tom, ela voltou sua cabeça para ver que tinha chamado sua atenção.

Seu coração deixou de pulsar quando viu a alta figura vestida em armadura negra, com elmo e armadura.

Era Velkan.

E se estava dirigindo diretamente para ela.

Capítulo 3

Retta não pôde mais que ofegar uma respiração quando Raluca abriu a porta e Velkan emergiu. Com seu metro noventa e dois, lhe tinha parecido um gigante quando ela havia sido humana. E outra vez, ela recordou a primeira vez que o tinha visto. O sangue havia coberto essa armadura negra. O sangue desses que queriam violá-la e assassiná-la. Ela ainda podia recordar o som do aço roçando contra o aço enquanto se movia. A visão de sua destreza em que pese que cada parte de seu corpo tinha estado coberta pela armadura.

Mais que isso, ela recordava a beleza de seu rosto... a ternura de suas calosas mãos quando acariciavam sua sedosa pele. A maneira em que ele a sustentava como se fosse inexplicavelmente preciosa, como se temesse que se rompesse entre seus braços e lhe deixasse só outra vez.

Essas lembranças surgiram e enterraram toda a raiva e ódio que ela tinha sentido contra ele. Ali, por um momento, ela quis retornar ao princípio de seu matrimônio. Voltar para os dias quando ela tinha dado sua vida e morte por esse homem. Quando ela tinha acreditado nele sem questionar-se.

Ele tinha sido seu mundo inteiro.

Ela tinha sabido que este momento chegaria, em sua mente ela tinha praticado uma centena de coisas que lhe dizer.

Uma centena e algumas mais.



Mas cada uma delas voou de sua memória à medida que ele se aproximava e uma estranha parte queria lhe abraçar depois de todos esses séculos. Ela queria correr a seus braços e só sentir como ele a sustentava.

Ela tinha esperado que ele a amaldiçoasse ou a beijasse. Que se detivesse ante ela como se não pudesse acreditar que estava ali. Que tentasse estrangulá-la. Tudo. Nada. Mas em todos os cenários que se imaginou nada se aproximou do que ele fez a seguir.

Ele caminhou diretamente a ela como se não a tivesse reconhecido e acolheu a Francesca em um forte abraço antes de dançar ao redor do quarto com ela.

Atônita, Retta se levou as mãos a seus lábios quando uma onda de raiva atravessou seu corpo. Como se atrevia a agarrar outra mulher e nem sequer reparar nela! Ela abriu a boca para falar, só para ser interrompida quando o cavalheiro começou a rir em um tom que não era em nada parecido ao do Velkan. Este era ligeiro e quase infantil.

-OH, minha pequena irmã! Passou tanto tempo da última vez que te vi. Como estiveste?

-Viktor - disse Raluca com uma risada. -Ponha a Francesca no chão antes que a derrube.

Francesca tirou o elmo em forma de pássaro de sua cabeça, expondo suas sorridentes feições, tão opostas à cara séria do Velkan. Com o cabelo castanho e risonhos olhos azuis, Víktor rapidamente cumpriu com as ordens de sua mãe e depositou a Francesca sobre seus próprios pés. Rindo, ela o atraiu a um fechado abraço enquanto Retta deixava escapar um comprido suspiro.

Isso tinha estado perto. Muito perto, de fato, e isto a fazia dar-se conta que ela não queria encontrar com o Velkan em seus termos. Ela precisava assegurar-se de que tinha o controle de seu primeiro encontro. Que suas emoções e seu corpo não a tráíssem outra vez.

-É tão bom verte - sorriu Francesca a seu irmão. -Senti muitas saudades.

E essas palavras atiraram do coração da Retta quando viu o afeto que sua melhor amiga compartilhava com sua família. Os próprios irmãos da



Retta tinham morrido fazia séculos, assim como sua inteira linhagem. Não havia acolhedoras boas-vindas a casa para ela. Nenhum parente.

Nem marido.

Nada.

Isso é o que mais doía em tudo.

Viktor se deteve quando se deu conta de que não estavam sós.

-Princesa Esperetta?

-Sim- respondeu Raluca por ela.

O pânico dançou em seus olhos azuis.

-Devemos tirá-la daqui antes que o príncipe a veja.

Finalmente alguém que dado a razões.

Raluca fez suas palavras a um lado.

-Ele não virá aqui esta tarde.

Viktor sacudiu sua cabeça em negação.

-Pode passar a noite, mas amanhã, terá que ir-se antes que ele descubra que ela está aqui.

Francesca discutiu com ele.

-Eu a trouxe aqui para protegê-la. Ela deve ficar.

-Não- disse Retta, cansando-se da maneira em que falavam dela como se fosse um filhote perdido a quem estão jogando fora da garagem.

-Eu vim aqui por que Velkan está planejando pôr os restos de meu pai ao descoberto.

Eles se olharam entre si confundidos com o cenho franzido quando Francesca se voltou com um pouco envergonhada.

Uma absoluta raiva atravessou completamente a Retta.

-Não me diga que mentiu.

Francesca se encolheu.

-Só um pouco. Sabia que essa era a única coisa que te faria deixar Chicago.

Em toda sua vida, Retta nunca tinha estado mais lívida.

-Incrível! É absolutamente incrível. Como pôde fazer tal coisa?

Francesca não estava arrependida absolutamente.

-Fiz para te proteger.

Retta ergueu a mão profundamente desgostada.



-Obrigado, Frankie. Não é como se tivesse uma vida assim como também clientes que me necessitam.

-Não pode ter clientes se estiver morta. Além disso, Trish está se encarregando deles. Eles nem sequer sentirão saudades.

- Me salve da estupidez - Ela olhou ao Viktor -Me consiga um táxi e eu me vou daqui. Agora mesmo.

Ele começou a dirigir-se para o balcão.

-Viktor- disse Raluca em um pronunciado acento. -Toca esse telefone e lamentará o resto de sua existência.

Ele arqueou ambas as sobrancelhas quando se congelou no lugar.

-Mas Mãe... o príncipe.

-Eu me encarregarei do príncipe. Você tem que te preparar para o tour. Agora vá.

Retta podia assegurar que ele queria discutir, mas não se atrevia. Em lugar disso, jogou um mal-humorado olhar a ela e saiu para cumprir com as ordens de sua mãe.

-Onde está Velkan?

-Não tenho a mais ligeira idéia, Princesa, mas ele está onde quer que deseje estar.

-Não me dirá isso?

Raluca vacilou antes de responder.

-Não permitirei que dele se ocultem em sua casa depois de tudo o que ele sofreu por você, Princesa. Sei de seus sentimentos para ele por minha filha.

-E ainda assim está de seu lado?

O olhar da Raluca foi para a ponta da parede. -Eu protegerei a Sua Alteza com cada fôlego que contenha em meu corpo. Mas senão por ele, eu teria sido empalada, também. E com essas palavras, voltou-se e deixou a Retta só com Francesca e Andrei.

Retta ficou olhando ao Andrei com uma espectadora olhar.

-O estará depois no Bloody Dungeon. (Calabouço sangrento)

-O que?

-É um clube- explicou Francesca. -Um onde os Daimons tendem a pegar turistas que querem conhecer verdadeiros vampiros.



Bom, não tinha isso um perfeito sentido?

-A que hora ele está acostumado a ir ali?

-Em qualquer momento entre agora e o amanhecer.

-É de muita ajuda Andrei.

-Intento sê-lo, Princesa.

-E faz com tal estilo.

Ele ignorou seu sarcasmo.

Suspirando, Retta olhou a Francesca.

-Suponho que não poderia te convencer de me levar a meu lar outra vez, verdade?

-Você não gosta do tele transporte. Dá-te náuseas. Além disso, pensei que já não queria nada de mim.

-Estou reconsiderando isso. Mas você é a única família que tenho. Boa ou má, e agora é definitivamente má. Deixa ir embora e te perdoarei.

-Não posso fazer isso, Retta. Sinto muito. Mas acredite, isto é para seu próprio bem.

Bem, então. Viria à manhã, ela escapuliria longe dos homens de uma maneira ou outra. Voltou a olhar ao Andrei.

-Estamos cem por cento seguros de que Velkan não vai vir a este hotel, verdade?

-OH, posso absolutamente lhe garantir isso. Ele não quer nada com nossa família. Ele só se aventura por aqui uma vez em uma lua azul.

Isso só a punha toda cálida e quente interiormente.

-Então por que vocês mantêm este lugar?

Ele fez uma careta para ela.

-O dinheiro. Nós ganhamos uma fortuna por isso.

Grandioso, só grandioso.

-De qualquer maneira. Vou agora para cama. Dê-me uma chave e me permita deixar este completo pesadelo atrás.

Francesca franziu o cenho.

-Não tem fome?

-Não. Só preciso dormir e esquecer tudo o que aconteceu neste dia.

Andrei foi depois do balcão para lhe atender.

- Quer a suíte Drácula?



Retta entrecerrou seus olhos.

-Segue empurrando, Andrei, e você e eu vamos jogar um jogo.

-E que jogo é esse, Princesa?

-Encontrar a Bola em Minha Mão.

Ele franziu o cenho.

-Eu não vejo nenhuma bola, Princesa.

-OH, o fará, logo que as tire à força de seu corpo.

Ele soprou.

Francesca riu.

-Está brincando, Andrei. Seu latido é sempre pior que sua mordida.

Desejando ter deixado a sua amiga em casa, Retta pegou a chave de cartão das mãos dele.

-Onde está o quarto?-

-No andar superior.

Sem uma palavra, Retta tomou sua mala e se dirigiu ao elevador. Ela entrou e se voltou para ver Francesca e Andrei brincando um com o outro quando as portas se fecharam. A dor fatiou seu coração. Quanto desejava poder ter a sua família de volta outra vez. Tinha adorado a seus dois irmãos pequenos. Eles tinham sido uma das maravilhosas alegrias de sua vida humana. E uma pontada de culpa a transpassou quando pensou que ela tinha privado a Francesca dos seus. Ela odiava que eles tivessem estado separados todos esses séculos.

Mas isso tinha sido decisão de Francesca, não dela.

Suspirando, subiu no elevador até seu quarto, e logo que abriu a porta ela sentiu que precisava baixar as escadas e ferir o Andrei e Raluca. Dizer que o lugar era vulgar seria um insulto à vulgaridade. A suíte era grande e ventilada, com paredes vermelho sangue que estavam decoradas com todo tipo de talhas de madeira que representavam empalamentos.

Ela rodou seus olhos enquanto se dirigia ao dormitório, então se deteve em seco. Ao contrário que o saguão, este parecia tudo em negro, branco e cinza e era idêntico ao dormitório da Bela Lugosi no filme Drácula, onde ele tinha mordido a sua loira donzela.

-Esta gente está doente- disse Retta, agradecendo que ao menos ali não houvesse lembranças de seu pai.



Deixando sua mala no chão, tirou o casaco e tirou aos chutes os sapatos, depois se dirigiu à cama. Tomaria uma pequena sesta para sair do bordo do esgotamento e depois veria a respeito de alugar um carro que a levasse de volta ao aeroporto. De uma maneira ou outra, ela ia sair daquele lugar e ir pra casa. Apartou os lençóis negros e se meteu na enorme cama que a acolheu igual a uma nuvem, e antes que pudesse dar-se conta, já estava dormindo.

Mas seu sonho esteve longe de ser pacífico. Em seus sonhos, ela podia ouvir a voz de seu pai lhe gritando. Podia ver o Velkan dando o golpe de graça que tinha terminado com a vida de seu pai enquanto seu emblema de serpente oscilava em sua mente, sobre todas as outras imagens.

Você é a filha do Dragon... Morte aos Danestis.

Ela despertou de repente. Retta permanecia em silêncio enquanto escutava o feroz vento açoitando contra suas janelas. Mas não era isso o que a tinha incomodado.

Ela sentia uma estranha presença no quarto. Era poderosa e espantosa.

Reagindo por puro instinto, ficou imediatamente de pé e golpeou para onde havia sentido a presença. Ali não havia nada exceto ar.

Agora a presença estava detrás dela.

Ela se girou para enfrentar-se ao intruso só para encontrar-se cara a cara com a última pessoa que ela esperava.

Velkan.

O a olhava com olhos tão negros que ela não podia dizer sequer onde acabava a íris e começava a pupila. Vestido com um par de jeans e uma ajustada camiseta negra, levava seu comprido e ondulado cabelo negro recolhido em um rabo-de-cavalo. Ele ainda tinha as mesmas feições agudamente cinzeladas. O mesmo feroz olhar que anunciava ao mundo que este era um homem que não só podia tomar sua vida, mas um que poderia desfrutar do assassinato.

Deus, ele estava incrivelmente sexy. Alto e demandante, ele fazia que cada parte dela estivesse quente e sem fôlego. E quando ela esteve cara a cara com ele, ela foi atormentada por imagens dela sendo sustentada entre esses musculosos braços enquanto fazia o amor. Sendo beijada por



essa perfeita boca. Acariciando com os dedos a larga cicatriz que corria da esquina externa de seu olho esquerdo até sua bochecha. Uma cicatriz que não tinha difamado absolutamente a beleza dessa masculina cara. Se algo fazia era acrescentá-la.

Ela nem sequer podia pensar enquanto uma onda de emoções reprimidas a abrasavam.

Velkan não podia respirar quando olhou dentro desses olhos tão azuis que lhe recordavam o céu do verão que ele não tinha visto em quinhentos anos. O aroma dela alagou pesadamente seu nariz, lhe recordando um tempo quando essa essência havia se obstinado a seu corpo. Sua pele era ainda tão pálida como um campo nevado. Seu cabelo o profundo castanho avermelhado com pele de raposa.

Nenhuma só vez em todos esses séculos tinha esquecido sua beleza. Sua essência. O som de sua voz lhe chamando.

O som de sua voz lhe amaldiçoando a morrer.

Era um engano estar ali. Ele sabia.

Ainda assim ele estava ali, de pé ante uma mulher que queria beijar desesperadamente.

Uma mulher a que queria assassinar. Tinha-lhe dado tudo o que ele tinha e mais, e em troca lhe tinha cuspidido. Ele a odiava ainda quando uma parte dele ainda a amava. Ele tinha vivido e tinha morrido por ela. Tinha tido uma morte humana que nenhum ser humano deveria ter sofrido jamais. E para que? Para que ela pudesse fugir dele e negar que eles se amaram o um ao outro.

Seu pai tinha tido razão. As mulheres são imprestáveis fora da cama e só um parvo entregaria seu coração a uma.

-O que está fazendo em meu quarto? Respirou ela, finalmente rompendo o tenso silêncio que era abundante com suas amargas emoções.

Seu estômago se encolheu ante o som de seu cadente voz que era tão similar ao que o recordava e ao mesmo tempo tão estranho. Ela já não tinha seu acento nativo. Agora ela soava igual às mulheres no programa da American TV que Viktor estava acostumado a ver.

Velkan desejava dolorosamente esticar-se e tocá-la, mas honestamente não confiava em que ele mesmo não fosse estrangulá-la se



tentava. Raiva, luxúria e ternura estavam em guerra em seu interior e ele não tinha idéia de qual delas ganharia finalmente. Mas nenhuma delas pressagiava nada bom para a mulher que tinha frente a ele.

-Queria verificar sua presença com meus próprios olhos.

Ela manteve seus braços em alto em um gesto sarcástico.

-Obviamente, estou aqui.

-Obviamente.

Ela retrocedeu com seus olhos alertas.

-Bom então, pode partir. Ela indicou para a porta.

Era difícil permanecer ali quando tudo o que ele queria fazer era agarrá-la em seus braços e provar esses zombadores lábios. O ar entre eles estava envolto com seu mútuo ódio. Seu mútuo desejo. Ele ainda não sabia como tinham chegado a isto. Como um homem podia amar a uma mulher tão desesperadamente e ainda querer matá-la.

Não tinha sentido.

Um milhão de pensamentos se chocaram no interior de sua cabeça. Queria lhe dizer que tinha sentido saudades. Queria lhe dizer que desejava que estivesse morta. Que nunca tivesse posto seus olhos sobre ela.

Mais que nada, queria ficar ali e empapar-se na beleza de suas feições até que estivesse bêbado delas. É um doente bastardo. Esta era uma mulher que o tinha abandonado fazia quinhentos anos.

Ele possivelmente não tivesse muito em sua vida, mas tinha tido sua dignidade. Estaria condenado novamente se lhe tivesse permitido tomar isso do. Com um cortante assentimento, deu meia volta e se voltou para a janela para partir.

-Quero o divórcio.

Essas palavras o detiveram em seco.

-O que?

-Já me ouviste. Quero o divórcio.

Ele riu amargamente enquanto a olhava por cima de seu ombro.

-Como desejar, Princesa. Mas te assegure de levar uma câmera de vídeo ao tribunal, pois queria ver o olhar em suas caras quando apresente a eles nossa certidão de matrimônio e vejam a data que há nela.



- Isso não é o que quero dizer - disse ela friamente.

-Quero estar livre de ti. Para sempre.

Essas palavras passaram através dele como uma lança ardendo e fizeram o dobro de dano. Apertando os dentes, ele olhou pela janela, por volta da escura noite que tinha sido seu único consolo durante todos esses passados séculos.

-Então pega sua liberdade e me deixe. Não quero voltar a ver seu rosto.

Retta não sabia por que suas palavras destruíam seu coração, mas o fizeram. Elas tiveram êxito de arrancar lágrimas a seus olhos enquanto via como ele se convertia em morcego antes de partir voando por suas janelas abertas.

Apesar de tudo, ela queria chamar o de volta, mas seu orgulho não o permitia. Era melhor desta maneira. Ambos seriam livres agora...

Livres para que?

Ela era ainda imortal. E não importava o muito que ela odiasse isso, ainda estava apaixonada por seu marido. As lágrimas fluíram por suas bochechas quando se deu conta da verdade. Ela nunca deveu ter retornado. Nunca.

Mas agora já era muito tarde. Depois de todo este tempo, ela sabia a verdade. Ela amava ao Velkan. Mesmo com todo o ódio e a traição. Ele ainda tinha cativo seu coração.

Como podia ser tão estúpida?

Fechando seus olhos, lhe viu como tinha estado no dia de seu matrimônio. Este tinha ocorrido em um pequeno monastério nas montanhas. Pela primeira vez desde sua infância e para honrá-la, Velkan tinha deixado a um lado sua armadura e tinha usado uma simples casaca de veludo negro. Ainda sem refinamento mesmo sendo ele um príncipe, ele tinha deixado seu comprido cabelo solto caindo sobre seus ombros. Ela tinha estado vestida com um vestido verde escuro de seda e veludo, a jogo com a capa de pele Marta Zibelina que usava.

Essa tinha sido a única vez que ela o tinha visto barbeado. Seus olhos escuros a tinham esquentado enquanto a olhava e pronunciava as palavras que deviam uni-los juntos ante Deus.



O que não sabia então era que a mãe do Velkan tinha sido uma feiticeira que tinha ensinado a seu filho suas artes. E enquanto ele e Retta tinham estado trocando seus sagrados votos, ele a tinha unido a ele com as artes escuras.

Sem dizer a ela.

O que tinha feito era imperdoável. Então, por que uma parte dela desejava lhe perdoar?

Retta inclinou a cabeça quando ouviu uma ligeira chamada em sua porta.

-Velkan? sussurrou ela. Seu coração saltou ante a possibilidade de lhe ver outra vez.

Antes que pudesse deter-se, aproximou-se da porta e a abriu. Ficou com a boca aberta ante a visão da última pessoa que ela tivesse esperado que estivesse ali.

Alto e loiro, ele estava completamente diferente de seu sinistramente escuro marido. E pela primeira vez, ela se deu conta de que ele era pálido em comparação ao homem que ela tinha deixado atrás.

-Stephen? O que está fazendo aqui?

Seus luminosos olhos azuis brilharam com simpatia.

-Meu nome não é Stephen, Retta. É Stefan.

Antes que ela pudesse lhe perguntar que queria dizer com isso, ele soprou algo em seu rosto.

Retta ficou com seus sentidos atordoados. Tudo se distorcia a seu redor. Reagindo por instinto, lhe lançou uma patada, lhe alcançando justo entre as pernas. Ele se dobrou imediatamente. Mas quando ela tentou fechar a porta, sua vista se voltou negra e caiu ao chão.

Capítulo 4

Velkan aterrissou sobre o balcão de sua mansão que olhava para o silencioso vale, e trocou a sua forma humana. Fazia quinhentos anos, este lugar tinha sido acessível por um sujo caminho que levava a ladeira de seu



pátio de trás. Esse era um caminho que ele tinha fechado e deixado que se cobrisse de mato fazia duzentos anos quando se deu conta quão freqüentemente o olhava, esperando a volta de Esperetta.

Agora esse caminho estava completamente coberto por sarças e lianas que o bosque tinha reclamado. A única maneira de aventurar-se ali era voar ou teletransportar-se. Duas coisas que ajudavam a manter afastado a tudo o que não tivesse negócios ali.

Velkan se deteve sobre o balcão esculpido em pedra que olhava para o povo. Ele já havia se encarregado dos Daimons que vinham ao povo caçar aos turistas e ainda tinha horas até o amanhecer. Sua casa era completamente escura e silenciosa na noite. Víctor tinha eleito ficar no hotel com sua família, tendo duvidado por temor ao humor do Velkan.

E o homem tinha toda a razão em estar assustado. Ao Velkan não gostava das surpresas e a chegada da Esperetta definitivamente se qualificou como isso. Os Were deveriam ter lhe dito que a esperavam. O que tinham feito era imperdoável para ele.

As douradas portas francesas de seu quarto se abriram silenciosamente quando se aproximou, depois se fecharam atrás dele. Fazia muito tempo, sua esposa tinha estado aterrorizada de seus poderes sobrenaturais. Os que tinha antes eram brincadeira perto dos que tinha como um homem imortal. Voltando para o passado, ele tinha estado limitado à simples premonições, maldições, poções e feitiços que tinham que ser feitos com sangue e ritual.

Agora seus poderes eram verdadeiramente ferozes. Tele cinese, transformismo, e pirofagia. Com o passo dos séculos, ele havia se tornado o monstro que Esperetta tinha temido. Ele estendeu sua mão e a garrafa de bourbon voou até ele. Destampando, bebeu o bourbon diretamente da garrafa enquanto passava ante um espelho que não tinha mostrado seu reflexo.

Ele riu ante isso. Até que se aproximou da chaminé onde pendurava um quadro da Esperetta. O olhar em seu rosto o congelou no lugar. E como sempre, deixou-lhe sem respiração. Ele o tinha encomendado antes de seu casamento. Tinha contratado ao Gentile Bellini e havia virtualmente sido forçado a seqüestrar ao homem em Veneza para o



trabalho. Mas Velkan tinha sabido que nenhum outro que não fosse esse artista tivesse sido capaz de capturar sua juventude e inocência.

Bellini não lhe tinha decepcionado. Se tinha feito algo fora ultrapassar todas as expectativas do Velkan.

Esperetta tinha estado tão nervosa esse dia. Com brilhantes flores de verão em seu cabelo marrom escuro, e embelezada com um ligeiro vestido dourado, ela tinha sido uma absoluta visão. Bellini a tinha colocado no jardim fora da residência do Velkan, um jardim que era agora uma nodosa e inteligível confusão por falta de cuidado. Ela tinha estado inquieta até que tinha descoberto ao Velkan sentado sobre o muro, observando-a.

Seus olhos se encontraram e se mantiveram, e o mais tímido e belo sorriso que jamais tinha estado na face de uma mulher tinha sido capturado pelo artista. Este era um olhar que ainda podia pôr ao Velkan de joelhos.

Grunhindo ao quadro, obrigou-se a se mesmo a continuar diante, afastando-se do quadro. Deveria havê-lo queimado fazia séculos. Ainda não estava seguro do por que não o fazia.

De fato, o podia mesmo enviar uma rajada agora e fazê-la estalar em chamas...

Sua mão se esquentou em espera. Mas ele acabou fechando-a em um punho enquanto deixava seu quarto, então desceu as escadas ao primeiro andar onde Bram e Stoker esperavam sua volta. Fazendo sair a seus Mastins Tibetanos, ele se dirigiu a seu estudo, onde seu fogo se extinguiu.

Ele disparou uma rajada de fogo em seu interior, fazendo-o cobrar vida. Isto banhou o quarto em uma embotada luz alaranjada e causou que as sombras dançassem através das frias paredes de pedra. Ele acariciou aos cães enquanto eles davam à boa-vinda a casa com joviais latidos e lambidas. Depois se limitaram a tomar assento a ambos os lados de sua cadeira. Suspirando, Velkan tomou assento de modo que pudesse olhar o fogo que não fazia nada por esquentá-lo. A luz era dolorosa para seus olhos, mas honestamente não lhe importava.

Ele olhou aos cães sentados a cada lado dele.



-Alegrem-se de estarem ambos castrados. Oxalá eu fora tão afortunado. Porque então, seu corpo não estaria duro e doendo pela única mulher que nunca se submeteria outra vez a suas carícias.

Sua raiva aumentou, tomou outro gole só para amaldiçoar o fato de que o álcool não pudesse fazer nada por ele. Como Dark-Hunter ele nunca poderia embebedar-se. Não havia escape para sua dor.

Grunhindo, lançou a garrafa ao interior do fogo, onde esta se rompeu em mil pedaços. As chamas chispavam ante a ambiciosa consumação do álcool. Os cães elevaram suas cabeças com curiosidade enquanto Velkan passava sua mão através de seu cabelo.

Se antes tinha sido mau, agora era muito pior sabendo que ela estava só a uma curta distância dali. Sua essência ainda persistia em seu nariz, lhe fazendo mesmo mais selvagem do que tinha sido antes.

Deveria ir a por ela e obrigá-la a retornar a ele.

Isso era o que o Senhor da Guerra Moldavio Velkan Danesti teria feito. Ele nunca teria permitido que uma teimosa mulher o dirigisse.

Mas esse homem tinha morrido a noite em que uma inocente mulher lhe tinha olhado com esses olhos tão azuis. Tão confiados, que lhe tinham roubado instantaneamente o coração. Possivelmente este foi seu castigo por ter vivido a vida com tal brutalidade. Queria a única coisa que não poderia ter. O pacífico e suave toque de Esperetta.

Agitado com seus pensamentos ficou em pé. Bram se levantou também até que se deu conta que Velkan só ia passear se pelo quarto. O cão voltou a sentar-se enquanto Velkan se esforçava por desvanecer suas lembranças.

Mas infelizmente, não havia maneira de arrancar seu coração do peito e até que fizesse isso ele sabia que nunca escaparia da prisão a que sua esposa lhe tinha condenado.

Retta despertou com uma aguda dor de cabeça e se encontrou amarrada a uma cadeira de ferro. O quarto, a qual era industrial, igual a um velho armazém, era escuro e úmido, com um tremendo fedor parecido



um par de velhas meias de ginástica mesclado com o aroma de ovos podres. Isto era tudo o que ela podia fazer para respirar mais à frente do fedor enquanto tentava liberar suas mãos das cordas que a mantinham presa.

Ela podia ouvir débeis vozes procedentes de um quarto adjacente.

-Morte aos Danesti!

Magníficos gritos, especialmente que ela era tecnicamente um deles. Fantástico, não é que ela queria gritar seu parentesco, mas sobre o papel...

-Está acordada.

Retta voltou a cabeça para ver um homem alto e desajeitado na porta. Vestido de calças negras e um suéter de pescoço alto recordava a um simples morador da cidade, o qual se completava com um dente de ouro. E a olhava como se ela fosse a mais baixa forma de vida sobre o planeta.

-Obrigado, George- um homem mais velho vestido com calças negras e uma camisa azul abotoada e suéter passou a seu lado. Havia algo diabólico a respeito desse ancião. Ele era definitivamente o tipo de Cara que gostava de arrancar asas às mariposas quando era menino. Só por diversão.

E erguendo-se perto da parte de atrás estava seu -bom- amigo Stephen, alto e loiro.

Tinha gostado dele em princípio por que era a completa antítese de seu marido. Enquanto que as feições do Velkan eram ásperas as do Stephen eram doces. Tinha recordado há um muito jovem Robert Redford.

Se só tivesse sabido que Stephen não era o menino da porta do lado. Mas nem isso, não menos que resultasse que estava vivendo na porta contígua a dos Monstros.

Ela o olhou com cada gota de ódio que ela sentia.

-Onde estou e que estou fazendo aqui?

Foi o homem mais velho o que respondeu.

-É nossa refém e está em nossos... domínios.

Arre..., ele era de tanta ajuda.

-Refém do que?

Foi Stephen quem respondeu.



-Para conseguir que seu marido venha a nós.

Ela rompeu a rir ante o absurdo de sua petição.

-É uma brincadeira?

-Nada de brincadeira- disse o homem de idade.

-Durante séculos minha família esteve lhe caçando, tentando matar a maldita e não natural criatura em que se converteu.

-E nós estivemos te caçando - Sim- disse quando caminhou para ela da entrada.

O homem de idade assentiu.

-Mas você e ele sempre escapavam de nós.

-Uau, isso não diz muito a respeito de suas habilidades, já que eu nem sequer soube que estava sendo perseguida.

Ele se moveu como se fosse goleá-la, mas Stephen o deteve.

-Não o faça, Dieter. Ela só está tentando lhe provocar.

-Está conseguindo.

Retta esclareceu garganta para atrair a atenção de volta a ela.

-Só por curiosidade, por que estavam me caçando?

Stephen se aproximou dela e lhe ofereceu um presunçoso sorriso.

-Por que você é a única coisa que sabemos o que faria sair ao Velkan.

Nunca responde a nenhum dos chamarizes que lhe jogamos... ainda.

-Sim, bom, más notícias para ti, cara. Ele tampouco virá a por mim.

Dieter bufou ante ela.

-É obvio que o fará-

Ela negou com a cabeça. -Difícilmente. Notícias de última hora, caras. Todos vós cometestes um crime sem nenhuma boa razão. Vi meu marido esta noite e me deixou claro que não quer voltar a ver-me outra vez.

Os homens intercambiaram confundidos olhares.

-Está mentindo - perguntou o homem de idade em alemão.

Retta teve que forçar-se a não rodar seus olhos. Certamente eles não eram tão estúpidos para pensar que ela não podia falar alemão, verdade?

-Tem que estar- respondeu Stephen com brutalidade.

-Bom deus, o homem foi empalado por ela. Em todos os séculos que os nossos o viram, ele nunca esteve com outra mulher ou a teríamos usado para lhe atrair. Não há nenhuma prova litográfica de escapadas de uma



noite, e ele mantém a Esperetta vigiada constantemente. Os were-lobos nunca teriam sacrificado uma filha para que ficasse com ela se ele não estivesse absolutamente seguro de que ela estaria protegida. Essas não são as ações de um homem que a odeia.

Slim esteve de acordo.

-O were-lobo que torturei e assassinei disse que ele manteve o quarto dela justo como estava há quinhentos anos. O mesmo para o vestido que ela usava quando se casaram. Há um quadro de quando ela era humana em seu dormitório e fotografias que lhe foram enviadas para comprovar que ela vive e é feliz. Ele fica olhando as fotografias cada noite. Não há maneira de que não a considere sagrada. Se a odiasse, teria destruído tudo dela há séculos.

-Igualmente- disse Stephen com um golpe de rancor em sua voz - ela vive como uma monja. Não pude sequer obter seu beijo em todo o tempo que a conheço. Ela só tenta protegê-lo. Estou seguro disso.

Retta não podia respirar quando ouviu todas essas palavras. Isso era verdade. Ela nunca havia tocado outro homem. Nunca tinha estado interessada em nenhum. É óbvio, ela havia dito a se mesma quem se queima uma vez, queima-se mil.

E ela não poderia estar, muito menos casar-se, com um humano que se perguntaria por que ela não envelhecia. Depois de tudo, havia só algumas maneiras de mentir a respeito de cirurgia plástica antes que se fizesse óbvio que ela era imortal.

E em todo este tempo, ela tinha convencido a se mesma que Velkan não lhe tinha sido fiel como ela o tinha sido a ele. Durante sua época, nenhuma mulher deveria ter esperado fidelidade de seu marido. Era absurdo. Mesmo seu pai, quem tinha estado tão firme a respeito de seu Cristianismo, e quem demandava absoluta fidelidade de seus súditos, tinha conhecido mulheres.

Assim que ela convenceu a se mesma que Velkan nunca a tinha sentido saudades realmente. Que ele tinha tomado o que queria e a tinha usado para assassinar seu pai.

Poderia ser que Velkan realmente a amasse? Que sentisse saudades?



Se isso era verdade, então ela merecia morrer nas mãos deles. Porque se isto era verdade, então ela tinha estado castigando a um homem durante séculos por nenhum outro crime que amá-la.

Ninguém deveria ser ferido por isso.

Certamente ela não tinha sido tão estúpida. Ou foi?

Sou igual a uma cadela raivosa. Não era de se admirar que Velkan lhe dissesse que se perdesse. Teve sorte de que não a tivesse estrangulado. Apertando seus dentes para conter a dor que a destroçava por dentro, ela tentou recordar o que lhe havia dito na noite que ela partiu da Romênia. Ela podia ver a luz da lua sobre seu rosto, o sangue sobre sua armadura.

Eles tinham discutido, mas agora não podia recordar nenhuma outra coisa que sua confusão e temor dele. Ela tinha estado absolutamente convencida de que ele tinha tentado matá-la por enterrá-la em sua tumba. Que tinha mentido a respeito da poção que lhe tinha dado.

Mas o fez?

Por favor, não deixe que esteja equivocada. Por favor.

-Ele não virá a por mim - disse Retta entre os apertados dentes.

-Sei que não o fará.

Dieter entrecerrou seus maliciosos olhos nela.

-Já veremos. Não é que isso importe. De todas as maneiras, vamos matá-la.

Eram quase cinco da manhã quando Velkan encontrou a si mesmo só em seu dormitório. Outra vez, estava só em seu dormitório. Deus era tão estúpido. Qualquer homem digno de seu status encontraria uma fêmea disposta e saciaria a dor em seu corpo com o corpo de uma mulher.

Mas Velkan se negava a trair o juramento que tinha feito a Esperetta. Ele tinha jurado ante Deus Pai honrá-la e reservar a si mesmo só para ela, e ele tinha feito honra a esse juramento.

Mesmo quando se odiava por isso.

Só havia uma mulher que captasse sua atenção e era por isso o que a desprezava tanto. Tinha-lhe deixado sem nada. Mesmo sem sua dignidade.

Maldita fosse.

De repente bateram na porta.



-Disse-te que me deixasse só, Viktor- grunhiu ele, pensando que seria seu Escudeiro.

-Não sou Viktor- disse Raluca do outro lado da porta.

Como se atrevia ela a aventurar-se ali tão perto do amanhecer. Não é que o amanhecer supusesse algum problema para ela, mas normalmente Velkan estaria preparando-se para ir para cama.

Franzindo o cenho, ele abriu a porta pensando encontrá-la ali, retorcendo-as mãos. Seus filhos e Francesca estavam detrás dela e todos jogavam olhadas preocupadas a sua mãe. Seu estômago se encolheu.

-O que passou?

Raluca tragou.

-Eles a pegaram-

Ele soube imediatamente que Esperetta era “ela”.

-Quem a pegou?

-A Ordem do Dragão- disse Andrei, sua voz dura pela raiva.

-Uma vez que nos informaram que a tinham tentamos liberá-la, mas...

-Mas?- interrompeu-o Velkan.

Francesca se adiantou.

-Eles a ataram dentro de uma jaula. Uma elétrica. Não há maneira de que nós possamos tirá-la sem que isto nos imobilize.

Velkan lhes dedicou um engraçado olhar.

-Bem, deixemos que ela fique ali, pensando no muito que me traiu. Quando o sol se por, irei por ela.

Os Weres trocaram um nervoso olhar antes que Raluca falasse.

-Não é tão simples, meu príncipe. Eles a puseram sobre um pequeno tamborete sem degraus. E dito tamborete está sobre um chão eletrificado. Se ela puser seus pés no chão ou se deslizar do tamborete, isto a matará instantaneamente.

Francesca assentiu.

-Têm suficiente eletricidade nesse chão para iluminar a cidade de Nova Iorque.

Ele queria lhe dizer que isso não o afetava, mas o temor em seu coração lhe disse exatamente que mentira era essa.



Antes que ele pudesse mover-se, Raluca esteve a seu lado com suas mãos sobre seu braço.

-Sei que não pode ir, de qualquer maneira.

Ele entrecerrou os olhos ao olhá-la.

-Não lhes tenho medo.

-Está muito perto o amanhecer - insistiu Raluca.

-Acabará igual à Illie se for. Eles conhecem sua debilidade.

Velkan tomou sua mão nas suas e lhe deu um amável apertão. Illie tinha sido o companheiro dela, quem tinha morrido nas mãos da Ordem. Quinhentos anos atrás, ele tinha sido capturado quando a Ordem tinha usado um Taser sobre ele. A eletricidade tinha impactado através de suas células, convertendo o de homem a lobo uma e outra vez. Era a única coisa que deixava totalmente incapacitado a um Were-Hunter. Muita eletricidade acabaria matando-os ao final.

E se a Ordem tinha a Esperetta, então eles já conheciam a debilidade de Velkan.

-Permitiria sua morte?- perguntou à Raluca.

Ele viu a pena na cara de Raluca. Ela tinha sido a babá da Esperetta antes que sua esposa tivesse sido enviada ao convento.

-Não por vontade. Mas melhor ela que você.

-Mamãe! Protestou Francesca. -Sem ofender, mas eu coloquei a Retta nisto. Ela é uma vítima inocente.

Sua mãe se voltou para ela com um grunhido.

-E o príncipe nos cuidou durante séculos. Assim por ele, eu morreria agora e também o fariam seus irmãos.

-Estamos perdendo tempo- disse Velkan, cortando-os. -Necessito que me levem até ela de modo que possa liberá-la antes que saia o sol. Ele viu a reserva nos olhos da Raluca. -Isto era para o que você veio, não é verdade?

Ela negou com a cabeça.

-Vim só porque eu sabia que você se zangaria senão lhe dissesse o que está acontecendo.

Ela tinha razão a respeito disso. Ele nunca teria permanecido ali e ver como machucavam a Esperetta, mesmo quando a odiava. -Não tema. Pode



me tele transportar ali e eu posso cortar a eletricidade, então pode tele transportar-nos a ambos de volta, muito antes que saia o sol.

Francesca fez uma careta.

- Isso não é tão fácil. O interruptor está dentro da jaula. Eletrocutar-te-ia tentando desligá-lo.

Ele suspirou ante a perspectiva, mas isso não mudava nada. Ele só desejava poder usar sua telecinesia nisto. Mas a eletricidade era a única coisa que ele não podia mover com sua mente. Essa corrente natural a fazia altamente imprevisível, e ele poderia ferir-se acidentalmente ou ferir alguém tentando manipulá-la mentalmente. Teria que dirigir isto manualmente.

- Bom, isto não me matará. Só o machucaria como o inferno.

- Há mais- disse Viktor lentamente.

Não podia esperar para ouvi-lo.

- O que é?

- Têm um gerador encostado e outro interruptor que está também no interior de outra caixa elétrica. Se o apagarem, não nos dará suficiente tempo para chegar a ela antes de nos fritarmos, e ao contrário de você, nós não somos imunes.

Raluca assentiu.

- E eles a têm fora em um pátio. As paredes estão rodeadas por espelhos para refletir a luz do sol diretamente sobre ti e sobre ela. Eles tentam que nenhum dos dois sobreviva.

E tinham feito um bom trabalho colocando esta armadilha.

Velkan deixou escapar um cansado suspiro enquanto considerou o que ia acontecer. Mas não lhe importava.

- Minha esposa está em perigo. Levem-me até ela.

Retta apertou os dentes quando cada músculo em suas pernas doía, junto ao tamborete que as mantinha afastada do chão. O esforço se mostrava em pequenas lágrimas em seus olhos. Esta era a mais tortuosa dor que ela tinha experiente nunca. Honestamente, não sabia quanto mais poderia permanecer ali e não lhe falhar as pernas.



O seco estalido da eletricidade era uma fria lembrança do que lhe aconteceria se não se mantinha em pé...

-Posso fazê-lo- murmurou ela.

Mas de que serviria? Eles estavam decididos a matá-la de todas as maneiras. Por que estava lutando contra o inevitável? Ela deveria só baixar seus pés ao chão e acabar com isto. Acabar com sua miséria.

Velkan não viria a por ela. Francesca não podia. Acabou-se. Não havia necessidade de negar o inevitável, e ainda assim Retta não podia fazer isso a se mesma. Isso só não estava nela.

-O que passa contigo e com este país que sempre te encontra em perigo cada vez que está aqui?

Ela elevou a cabeça de repente para ouvir essa profunda, ressonante voz que descia por seu espinho dorsal como uma suave carícia.

-Velkan?

Ele saiu das sombras e se aproximou do bordo do eletrificado chão que os separava aos dois. Seu rosto estava coberto pelas sombras e ainda assim nunca lhe tinha parecido tão bonito.

-Há alguém o bastante estúpido para estar aqui?

Ela olhou ao céu que estava começando a iluminar-se por segundos.

-Não pode ficar. Tem que ir.

Ele não disse nada quando se converteu em um morcego e voou para ela. Seu coração pulsando acelerado, ela observou como ele se aproximava da jaula, mas as barras estavam muito unidas como para que pudesse voar ao interior da jaula com ela.

Ela podia jurar que o ouviu amaldiçoar antes de voltar a converter-se em um homem. E logo que o fez, a força da corrente elétrica o lançou dez pés para trás, sobre a grama. Desta vez não houve engano em sua zangada maldição.

-Esquece-o!- disse ela, olhando outra vez para o céu. Estava muito próximo a amanhecer.

-Não há necessidade de que ambos morramos.

Sacudindo sua cabeça, ele correu para a jaula e pegou as barras. Retta se encolheu ante o som de sua pele fritando-se quando ele se aferrou a isto. Todo seu corpo se sacudia pela força da eletricidade. Isso tinha que



ser insuportável. E ainda assim ele agüentava, forçando as barras até que conseguiu atravessá-las. Assombrada por sua força e valentia, ela estava chorando para o momento em que alcançou o interruptor e apagou a eletricidade.

-Há outro- antes que ela pudesse dizer uma palavra mais a eletricidade retornou. Ela levantou seus pés de um puxão ao tempo que mil maldições iam a sua mente para as pessoas quem tinha levantado esse maldito lugar.

Velkan se pegou à jaula e grunhiu um instante antes de dar um murro diretamente através do chão de metal. Dois segundos mais tarde, ele tirou um grosso cabo e o rompeu na metade.

O crepitar cessou quando a eletricidade se desvaneceu outra vez.

Muito assustada para pôr sua fé nisso, espero a que esta voltasse. E cada segundo que passava enquanto ela olhava o destroçado aspecto do Velkan, a verdade do ocorrido a golpeou.

Tinha-o feito. Suas lágrimas caíram por suas bochechas enquanto a gratidão se inchava em seu coração. A pesar do fato de que ela não era digna disso, ele foi para ela. E em um momento, ela recordou exatamente por que amava a esse homem. Recordou todas as razões pelas que tinha querido passar sua vida a seu lado.

Velkan se aproximou dela.

Até que a luz do sol cruzou seu corpo. Vaiando, tornou-se atrás de um puxão, cobrindo-se instintivamente a cara. Então deu outro passo para ela só para ter mais espelhos voltando-se para ele.

Mesmo assim, ele se arrastou para ela, enquanto Stephen e os outros mantinham os espelhos sobre ele, de modo que pudesse lhe soltar as mãos. Ela se liberou rapidamente.

Sua raiva aumentando, Retta tentou envolver-se a si mesma ao redor de seu marido, mas ela não era o bastante grande para lhe cobrir dos mortais raios que faziam que sua pele se enchesse de bolhas e queimasse. Todo seu corpo fumegava enquanto tentava retroceder à parede onde ainda havia sombras.



Ele tropeçou ao mesmo tempo em que Stephen e os outros deixavam a casa. Eles tinham vindo a acabar com o Velkan, mas maldita fosse ela se lhes deixava lhe conseguir sem lutar.

Retta ficou em pé, pronta para lutar até que ela sentiu que alguém a agarrava por trás. Ela se voltou para lutar até que se deteve se mesma ao ver uma cara amigável.

-Sou eu - disse Francesca quando os tirou cintilando do jardim.

Em um segundo Retta estava a um cabelo da morte, e ao próximo estava em um quarto que não tinha visto em séculos...

O dormitório do Velkan.

O coração da Retta se sobressaltou com medo.

-Não podemos lhe deixar ali.

-Não o fizemos.

Ela se voltou para ver o Viktor aparecer no quarto com o Velkan nas costas antes que se afundasse no chão entre o Andrei e Viktor. O horror a invadiu quando ficou olhando o que ficava dele. Ele estava ensangüentado e chamuscado. O aroma de cabelo e carne queimada invadiu seus sentidos, fazendo-a sentir náuseas.

Mas isso não lhe importava. Aterrorizada de que ele se estivesse morrendo, deslizou-se ao lado do Velkan e o girou sobre se mesmo.

As lágrimas lhe faziam um nó na garganta enquanto via o dano que lhe tinham feito.

-Velkan?

Ele não falou. Ele apenas a olhou e piscou.

Empurrando-a para um lado, Viktor e Andrei levantaram Velkan do chão e o levaram a cama.

Retta lhes seguiu querendo ajudar.

-Deveria ir - disse-lhe Viktor friamente enquanto Andrei lutava por separar a camiseta do Velkan que parecia haver-se fundido com sua pele.

-Já tem feito bastante danifico.

-Ele é meu marido.

Viktor entrecerrou seus frios olhos azuis nela.

-E o abandonou faz quinhentos anos recorda? Faça-lhe um favor e deixa que a história se repita.



-Viktor!- ofegou Francesca. -Como te atreve.

-Está bem- disse Retta, acalmando a sua amiga. -Ele só está fazendo seu trabalho.

Então Retta se moveu até ficar ao lado do Viktor. Esta vez quando ela falou, baixou a voz e deixou que suas emoções se mostrassem em cada sílaba.

-Interpõe-se em meu caminho, menino, e vais aprender que Velkan não é o único nesta família que tem presas. Dito isso, moveu-se se afastando dele para alcançar a cama onde estava deitado Velkan.

Ela não esteve segura se estava ainda consciente até que se deteve seu lado. Seu estômago se encolheu ante a vista de sua pele cheia de bolhas e carbonizada.

Mas era a dor em seus olhos o que a deixava sem respiração. Apesar da parte dela que queria correr a ocultar-se da horrível visão dele, aproximou-se e colocou sua mão em uma parte que não tinha sido danificada de seu peito.

Ele fechou os olhos como se saboreasse seu contato.

-Obrigado, Velkan- sussurrou ela.

Ele tomou ar como se queria responder, mas antes que o fizesse, desmaiou sobre a cama.

Viktor se moveu até ficar perto dela.

-Vais ficar aí lhe olhando ou vais ajudar-nos a lhe atender?

Ela olhou ao Viktor, cujas feições eram somadas ao rancor de sua voz.

-É um asno, Viktor.

Ele abriu sua boca para responder, mas Francesca o cobriu com a mão.

-Te despeça, irmãozinho. Ambos passaram por muito hoje.

Franzindo seus lábios, moveu-se ao outro lado da cama, onde Andrei estava ainda tentando lhe tirar a camiseta. Retta lhe ajudou a despir ao Velkan, mas quando viu uma horrível cicatriz no centro do peito de Velkan, justo sobre seu coração, deteve-se. Isso não tinha estado aí quando tinha sido mortal. Esta se via literalmente como se alguém lhe tivesse estacado o coração.

-O que é isso céus?- disse ela, acariciando-a. Era pelo menos quinze centímetros de largura e dez de profundidade



-Como aconteceu isto?

Viktor a olhou com ironia. -Não pode reconhecer a primeira vista a obra de seu pai?

Ela franziu o cenho ante o Viktor.

-Do que está falando?

-A cicatriz- disse Andrei lentamente. -É por onde a lança saiu de seu corpo depois de que seu pai ordenasse que o empalassem.

Retta retirou de um puxão sua mão, sem querer acreditá-lo.

-Não encontro seu humor divertido.

-Não estou brincando.

Náuseas a atravessaram quando voltou a olhar a carreira de bolhas de Velkan. Então se voltou para a Raluca, quem assentiu secamente.

-Não o entendo - sussurrou Retta.

Os olhos da Raluca eram compassivos quando explicou.

-Depois que seu pai lhe assassinasse, Princesa, ele se voltou maliciosamente contra Velkan. Torturou-o durante semanas até que finalmente o empalou na Praça Tîrgoviste. Foi quando morreu e foi capaz de converter-se no Dark Hunter.

Ainda lhe custava acreditar isso. Seu pai a tinha amado muitíssimo. Havia realmente, mesmo na raiva, a matado? Ele tinha odiado ao mundo, mas para ele, seus filhos tinham sido sempre sagrados.

-Por que Velkan não me disse isso?

Viktor bufou.

-OH, não sei. Possivelmente por que você fugiu dele quando o tentou e não deixou de fugir.

-Deixem todos do Viktorizarme-. Digo a verdade que todos vós tendes muito medo a dizer. Ela tem que entender por todo que aconteceu ele para mantê-la a salvo. O que sofreu como um humano. Por ela. - Viktor se voltou para a Retta. -Não lhe importava sua própria morte—o tinha planejado assim. Foi a tua o que o destruiu. Ele tinha se entregado a seu pai, sabendo que o bastardo ia lhe empalar. Ele pensava que por te haver feito beber a poção de sonho, seu pai te veria amortalhada para te enterrar e te deixaria ir. Seu plano era que minha mãe te levasse a Alemanha, onde Francesca estava vivendo, e te mantivesse a salvo



enquanto seu pai o torturava. Ele nunca sonhou que seu pai fosse apunhalar-te no coração enquanto permanecia como morta.

Esse não tinha sido o plano que Velkan lhe tinha dado. Eles fingiriam para todos que morreriam e então despertaria uma vez que seu pai se fosse e se convencesse de suas mortes. Supunha-se que Velkan a levaria a Paris, onde poderiam estar juntos sem temor de que seu pai tomasse represálias contra Velkan. Livres da guerra que se empreendeu entre suas famílias.

Ela olhou a Francesca procurando a verdade, mas por uma vez seu amiga estava sem fala.

-Velkan se entregou a meu pai?

-Por que acredita que ele não faria?- perguntou Viktor iradamente.

-Ele me disse que ambos beberíamos a poção e que meu pai ao nos ver mortos, então nos deixaria em paz.

Viktor assentiu.

-E você bebeu primeiro.

-É obvio, e depois vi como ele o bebia depois que mim.

Viktor negou com a cabeça.

-Ele nunca o tragou. Uma vez que esteve inconsciente, ele o cuspiu e te deixou em um lugar em seu estado para que lhe vissem. Ele temia que se ambos estivessem inconscientes seu pai decapitaria a ambos. Assim que ele permaneceu consciente e disse a seu pai que você tinha morrido de enfermidade. Seu pai lhe prometeu que uma vez que te visse, estaria conforme de tomar ao Velkan e partir. Velkan se submeteu a ele e teve que presenciar como te matava.

E ela tinha deslocado fugindo dele...

Outra vez, seu olhar foi a Francesca em busca de confirmação.

- Por que não me disse isso?

Com olhar triste, Francesca suspirou. -Você não queria ouvi-lo. Se tentava me pôr do seu lado, você me gritava, assim aprendi a deixar o tema.

Isso era verdade e Retta sabia. Ela não podia culpar a ninguém mais que a se mesma.



O coração da Retta se doeu quando pensou em todos esses anos... não, séculos, que se tinha privado a si mesma e ao Velkan por causa de sua estupidez e sua negativa em perdoar. Não era de se admirar que Victor a odiasse. Merecia.

Apertando os dentes, levantou o olhar para o quadro que estava sobre a lareira — o único que tinha sido seu retrato de casamento. As lágrimas alagaram seus olhos quando recordou o dia em que tinha sido pintado. A visão do Velkan sobre o muro, olhando-a com nada mais que adoração em seu rosto. Ele tinha parecido um espírito do bosque que tinha cobrado vida para protegê-la.

Ela piscou para afastar as lágrimas antes de jogar um olhar à cama onde estava deitado seu marido.

-Temos que conseguir que se cure.

-Por quê?- perguntou Viktor.

-Para que possa me desculpar.

Mas fazer que Velkan sarasse era mais fácil dizê-lo que fazê-lo. Feridas causadas pelo sol eram graves mesmo para um imortal. Para não mencionar que eles ainda tinham a ameaça da Ordem ali fora esperando para matá-los. Ao menos ali na casa do Velkan a Ordem não podia chegar a eles.

-Deveriam ir a descansar.

Retta levantou o olhar ante a voz da Raluca. A mulher permanecia na soleira da porta com um rabugento olhar em seu rosto.

Retta se estirou em sua cadeira para espreguiçar e estirar os músculos. Tinha estado ao lado do Velkan os últimos quatro dias enquanto ele dormia. Ao princípio seu contínuo sonho a tinha preocupado seriamente, mas Raluca e Victor lhe tinham assegurado que era natural para um Dark Hunter dormir dessa maneira quando estava ferido. Isso era o que permitia a seu corpo sarar.

Confirmando suas palavras, cada dia a pele do Velkan parecia estar melhor que no dia anterior. Agora apenas se via como se queimasse bastante com o sol e todas as contusões e golpes se foram.



-Não estou cansada- disse Retta lentamente.

-Logo que comestes ou dormiu.

-Como se pudesse me adoecer ou morrer.

Raluca estalou a língua e se voltou murmurando.

-Bem. Trarei-te a comida aqui, mas me acredite. Se o príncipe acordar estará agradecido de não ter o sentido do olfato super desenvolvido.

Profundamente ofendida, Retta se cheirou a se mesma para certificar-se que não cheirava mal.

-Te relaxe. Ela só estava brincando.

Seu coração deixou de pulsar quando ouviu essa profunda voz.

-Velkan?- Ela saiu disparada da cadeira para a cama para ver seus olhos abertos.

-Pensava que já te teria ido.

Ela tragou através do apertado nó de sua garganta.

-Difícilmente. Tenho muito que fazer.

-Como o que?

Retta tragou saliva antes de responder.

-Me desculpar contigo.

-Por que deveria fazer isso?

-Por que sou uma estúpida e cabeçuda. Teimosa. Desconfiada—pode me deter em qualquer momento, sabe?

Um canto de seus lábios se elevou zombador. -Por que deveria? Estava te enrolando bastante. Além disso, se esqueceu do pior defeito.

-E esse qual é?

-Impulsiva-

-Isso aprendi com você.

-Como?

-Recorda aquela vez quando lançou suas botas ao fogo por que tinha problemas para tirá-las?

Velkan franziu o cenho ante suas palavras.

-Nunca fiz isso.

-Sim, o fez. Também lhe deu sua sela favorita ao chefe dos estábulos por que te arranhou a perna quando desmontou e lhe disse que podia ficar a mas, pessoalmente, também a teria queimado.



Isso o recordava bem. Ainda levava a cicatriz disso. Mas o que o surpreendia era o fato de que ela recordasse esses incidentes.

-Pensava que tinha desvanecido todo rastro de mim de suas lembranças.

Ela apartou o olhar envergonhado. -Deus sabe que o tentei, mas você é um homem difícil de esquecer. Quando ela voltou a lhe olhar, seus olhares se encontraram e se mantiveram. -Fui tão estúpida, Velkan. Realmente sinto.

Ele ficou ali totalmente atônito pela sentida emoção em seu tom de voz. Tinha havido uma vez que rezou por ouvir essas palavras de seus lábios. Uma vez quando ele tinha imaginado este momento.

-Pode me perdoar?- perguntou ela.

-Lhe posso perdoar isso tudo, Esperetta, mas nunca poderei voltar a confiar em ti outra vez.

Retta franziu o cenho ante suas palavras. -O que quer dizer?-

-Quando foi e não retornou, provou-me que não tinha fé em mim como homem ou como marido. Você suspeitou tanto de mim que honestamente pensou que eu poderia te matar. Obviamente, tivemos um montão de problemas em nosso matrimônio dos que eu não soube.

- Isso não é verdade.

-Então por que não voltou para casa?

Porque pensava que ele a mataria. Ela realmente o tinha pensado. -Eu era jovem. Nós vivíamos em tempos turbulentos. Nossas famílias tinham acontecido gerações matando-os uns aos outros.

-E você pensou que a única razão pela que eu me casei contigo era para te matar. Ela negou com a cabeça. - Você sabe tão bem como eu que fui repudiado por minha família quando eles descobriram que tínhamos nos casado.

Isso era verdade. Sua família se tornou contra eles. Seu pai tinha enviado um exército para saquear sua casa e assegurar-se que Velkan não entraria nela outra vez.

Mas pior que a morte tinha sido que seu pai incendiasse tudo o que tinha tido o símbolo e o nome do Velkan. Mesmo o livro de família que



continha a linhagem dos Danesti tinha sido queimado e tinha sido criado um novo que não deixava traçado do nascimento do Velkan.

-Pensei que tinha sido bastante fugir de nossas famílias. E ambos sabemos que se tivesse voltado para casa depois de matar a mim e a meu pai, seu pai te deveria ter dado as boas-vindas.

Esses olhos negros a queimaram. -Eu tomei minha decisão a quem manter minha lealdade o dia que me casei contigo, Esperetta. Eu sabia o custo e a dor que nossa união causaria a minha família e ainda assim pensei que você valia. Você cuspiu sobre mim e cuspiu sobre o amor que eu queria te dar.

-Sei que te fiz mal.

-Não. Murmurou ele. -Você não me fez mal. Destroçou-me.

As lágrimas emanaram de seus olhos. -Sinto-o tanto.

- ‘Senti-lo’ não serve para começar a arrumar quinhentos anos.

Ele tinha razão e ela sabia.

-Por que uniu nossas almas sem me dizer isso?

Seus olhos a queimaram com tristeza.

-Eu não quis viver sem ti... nem nesta vida nem na próxima. Tinha tentado te dizer o que tinha feito, mas seu pai nos mandou à tumba antes que tivesse ocasião. O pouco que sei é que quando vendi minha alma a Artemisa em troca de vingança sua alma foi com a minha.

O que ele não havia dito era que lhe tinha feito sofrer a mesma coisa que ele mais tinha querido evitar... viver a vida sem ela.

Nesse momento, ela se odiava a si mesmo pelo que tinha feito. E não lhe condenava por não perdoá-la.

Tinha-lhe dado o mundo e ela o tinha desprezado. Incapaz de confrontar o engano que ela tinha cometido levantou-se.

-Tem fome?

-Sim.

-Trarei algo de comer. Aguarda um segundo. Retta se deteve ante a porta voltando a olhar para onde ele estava deitado na enorme cama. Essa era a cama em que ela tinha perdido sua virgindade. Ela ainda podia ver essa noite com total claridade. Ela tinha estado aterrorizada e excitada.



Velkan com toda sua crueldade a tinha deixado intacta e em um quarto sob o vestíbulo.

Tinha-lhe prometido levá-la ao dia seguinte aos agentes de seu pai e livrar-se dela. Essa tinha sido a última coisa que ela tinha querido. Seu pai a teria enviado de volta ao convento a viver uma vida de oração e duro trabalho—não é que tivesse havido nada mau em nenhuma dessas coisas. Mas ela já se apaixonara pelo escuro senhor da guerra e não queria retornar sem um pequeno objeto.

Sua intenção não tinha sido nada mais que um inocente beijo. Mas no momento em que seus lábios se tocaram, Velkan a tinha atraído a seus braços e ela se rendeu a ele disposta, mais impaciente por provar o do que ele estava por tê-la.

Fechando seus olhos, ela ainda podia recordar a sensação dele em seu interior quando passou as pernas dela rodeando seus quadris e a penetrou. -Nunca te deixarei ir, Esperetta - tinha-lhe sussurrado com ferocidade ao ouvido.

E então lhe deu um beijo tão quente que os lábios dela ainda vibravam por ele.

Como se teria podido voltar contra isso? Uma lágrima se deslizou por sua bochecha antes que a secasse e se dirigisse escada abaixo à cozinha. Ela acariciou ao Bram na cabeça quando passou o enorme animal que lhe recordava mais uma vaca que um cão.

-É bom vê-la fora do quarto- disse Raluca depois de baixar a bandeja que estava cheia com comida.

-Só vim por que Velkan está acordado e faminto.

Francesca bufou quando entrou na cozinha detrás dela.

-E está aqui procurando comida? Que classe de estúpida é? Eu estaria na cama com ele.

-Frankie!- repreendeu-a Raluca. -Por favor. Sou sua mãe.

-Sinto muito- disse ela, mas seu tom era menos que de desculpa.

Retta suspirou quando endireitou a flor do copo que Raluca tinha posto na bandeja.

-Não é que não o deseje. Pus-se a voar isso com ele faz muito tempo.

Francesca negou com a cabeça.



-Não pode pôr-se a voar isto com alguém a quem amas tanto.

-Acredito que está equivocada. Só desejo que seus meninos me deixem ir a casa.

-A Ordem estaria sobre ti agora que sabem de fato que é real. Já não podes voltar para casa.

E ela não podia ficar ali. Quão perfeito isso era?

Raluca lhe dedicou um simpático sorriso.

-Ele vos ama, Princesa. Está ferido, mas embaixo disso é o homem que passou através de um destino longe de ser pior que a morte para tentar lhes salvar. Ele não deixará que um pouco tão frio como o orgulho vos além dele.

-Não é orgulho, Raluca. É a ruptura da confiança. Como se pode reparar isso?

-Isso é para vós, Princesa. Têm que lhe demonstrar que querem ficar com ele.

-E como o faço?

-Fecha seu escritório e deixe que Andrei e Viktor tragam todas suas coisas aqui.

-O que faço se não me deixa?

-Como pode te deter? Você é lady Danesti. A metade desta casa é tua.

Retta sorriu ao considerar isso. Mas para ficar ali, ela teria que dar tudo.

Não, não dá-lo. Assim ela não poderia ser uma advogada de divórcios na Romênia. Ela não poderia continuar exercendo durante muito mais de todas as maneiras. Algumas pessoas já começavam a suspeitar por que não envelhecia.

Ela olhou ao redor as paredes de pedra que pareciam de algum jeito ser cálidas e acolhedoras. Ficar com o Velkan...

Isso era quase tão espantoso como tinha sido isto. Mas para ficar, ela teria que reclamar o coração que seu marido tinha fechado para ela. Vamos, Ret, fez disto um duro trabalho. E o seria, logo. Não ia afastar se dele outra vez.



Mas como Raluca disse, ela tinha que encontrar uma maneira de lhe mostrar a seu marido só quão sério ia.

Capítulo 5

Velkan estava dolorido com algo que era só segundo ao empalamento. Seus poderes do Dark-Hunter deveriam lhe haver curado para agora... isto lhe indicava que tão graves tinham sido suas feridas para que estivesse ainda tão dolorido.

Ele se voltou quando ouviu que a porta se abria.

Era Esperetta, e ali por um segundo ele retornou quinhentos anos atrás quando tinham compartilhado esse quarto, quando ela tinha estado disposta a unir-se a ele cada noite.

Uma vez que ele tinha reclamado sua casa depois de sua morte, havia-lhe tirado grandes dores fazer que seu quarto sob o corredor fosse justo igual a como quando ela tinha vivido aqui. Mas embora suas coisas pessoais tivessem estado ali, ela nunca a tinha usado mais que para vestir-se. Em contradição aos costumes daquela época, ela tinha compartilhado este quarto com ele para dormir... e para outras coisas cuja lembrança o esquentava completamente.

Fazendo uma careta de dor, ele ainda podia imaginar a maneira em que seu aroma tinha impregnado seus lençóis e travesseiros...

A maneira em que se grudado a sua pele.

Seja forte, Velkan. Tinha que sê-lo. A última coisa que queria era deixar que ela o ferisse mais do que já o tinha feito.



Ela entrou vacilando um pouco antes de baixar a bandeja sobre a mesa junto a sua cama. Seu comprido cabelo estava recolhido em um rabo-de-cavalo e se via extremamente cansada. Ainda assim seguia sendo a mulher mais formosa que ele tivesse visto.

-Ainda prefere seu filé servido com cebolas e maçãs cozidas?

Sua pergunta o surpreendeu. Não podia acreditar que ela recordasse isso. Assentindo, ele a olhou levantar a tampa de prata do prato e descobrir as cebolas.

-Não vais comer?- perguntou-lhe quando lhe estendeu o prato.

-Acabo de tomar o café da manhã. Realmente não tenho fome.

Ele negou com a cabeça ante ela.

-Pega o prato do pão e compartilha isto comigo.

-Necessita-o você.

-Sobreviverei e posso enviar a por mais. Agora traz o prato.

Ela arqueou uma sobrancelha ante seu tom irritado.

-Por favor- acrescentou ele, suavizando sua voz.

Retta se deteve ante isso. Este era um homem que estava acostumado a ditar ordens. Que ela soubesse, ele nunca tinha usado a palavra “por favor” antes. Seu coração se suavizou, tomou o prato e fez o que lhe dissesse.

-Obrigado- disse ela quando ele dividia sua comida com ela. - Já de passagem, tenho um osso que comentar contigo.

-Só um?

Ela sorriu apesar de se mesma.

-No momento.

-Então não posso esperar para ouvi-lo - disse ele antes de provar seu filé.

-Bram e Stoker?

Ele riu profundamente, um som ressonante.

-Era apropriado, acredito eu.

Retta lhe grunhiu. Mas não tinha mencionado seu quarto, a qual ela tinha visto na noite de sua chegada. Isso tinha sido um misterioso aviso de seu passado, e isso o lhe havia dito o muito que Velkan a amava. Mesmo



se ele o negava, ela sabia a verdade. Tudo tinha permanecido igual como se ele tivesse esperando sua volta em algum momento.

Quando o tinha visto, sentou-se nas escadas e chorado sua própria estupidez.

Forçando-se a apartar esse pensamento, esclareceu-se garganta.

-Teve que dar a esse homem esse tremendo livro sobre meu pai?

Ele encolheu esses largos ombros antes de limpar boca.

Estava vivendo em Londres naquele tempo e aborrecido. Ele estava trabalhando em um livro e tinha chamado Radu ao personagem principal - o qual, sem ofender a seu tio, não é nem de perto tão apropriado como Vlad Drácula. Além disso, não é culpa minha que o livro saísse. Este deveria haver esquecido completamente se não fosse pelo filme de décadas mais tarde.

Ela entrecerrou os olhos lhe olhando com suspeita.

-Ouvi que também colocou a mão nisso.

-Esse é um rumor do qual sou inocente.

-Uh-huh. Inclusive se assim fosse, ela não estava realmente zangada com ele. Ao menos não agora. Faz um século, teria querido lhe arrancar a cabeça dos ombros, mas estranhamente, agora que estava aqui, sentia uma estranha espécie de paz. Era tão estranho.

Ele deixou seu prato a um lado.

-Não gostou, verdade?

-Não tenho fome realmente.

O único problema era que era morrer de fome... e não era de comida. O que ela realmente queria era provar um pouco dessa deliciosa boca dele. Ele era pecaminoso e decadente. Sempre o tinha sido, e tinha passado muito tempo desde que ela tinha tido um beijo.

Velkan apenas podia sentar-se e seu corpo ardeu por provar o de sua esposa. Quão cruel era estar assim de perto dela e não permitir-se saciar a necessidade que queimava tão furiosamente dentro dele.

Ela terminou sua comida, então se moveu para retirar o prato dele. Quando o fez, voltou para olhá-lo. Isso foi um engano.



Incapaz de deter-se, ele enterrou sua mão em seu suave cabelo castanho e puxou mais perto dele. Ele esperava que ela o empurrasse a um lado.

Não o fez.

Em lugar disso, ela encontrou seus lábios com notável paixão. Era como se quisesse lhe devorar.

Velkan grunhiu ante seu entusiasmo. Isto tinha sido a última coisa que tinha esperado dela. Mas Deus, que gosto bom que tinha. Este era o momento mais incrível de sua vida e tudo no que podia pensar era em atrair seu corpo nu ao dele.

Retta não podia ter bastante dele quando se inclinou em seus braços. Ao menos não até que passou suas mãos com impaciência contra suas costelas e o sentiu encolher-se de dor por suas feridas.

-Sinto muito- ofegou ela, retirando-se.

Mas ele não a deixou ir longe. Atraiu-a de volta a ele e lhe deu um beijo tão abrasador que a derreteu completamente. Com um sorriso brincalhão, ela mordiscou seus lábios.

-Ainda está ferido.

-Você vale um pouco de dor- sussurrou antes de enterrar seus lábios contra sua garganta.

Retta gemeu quando calafrios a percorreram, e seu corpo se acendeu imediatamente. Tinha passado muito tempo desde que tinham estado juntos. Ela tinha esquecido tudo exceto o bem que se sentia com isto. O bem que se sentia com Velkan. Inclinando-se para trás, ele deitou com ela até que seu peso a pressionou sobre a cama. Ainda seus lábios não deixavam seu pescoço enquanto lhe desabotoava a camiseta. Seus olhos estavam obscurecidos com a fome quando tocava seu peito enquanto seu polegar se deslizava sob o cordão para acariciar sua pele. Ela tremeu ante seu quente toque enquanto lhe tirava a camiseta pela cabeça

Sua pele estava ainda queimada e se via rugosa, mas mesmo assim, ela nunca tinha visto nada mais delicioso. Ele era tão bem formado que ela podia ver a linha exterior de cada músculo sobre seu peito. E recordou a primeira vez que o havia visto nu. Ele tinha vacilado, temendo feri-la. E ela tinha estado assombrada pelo tamanho dele. Pelo contraste de seu



masculino corpo com o dela. Onde ela era suave, ele era duro. Onde a pele dela era lisa, a dele estava sulcada por cicatrizes de batalha e calos. E sua essência...

Era quente e masculina, potente.

Tremendo, ela se foi para trás e se desfez de seu sutiã, deixando-o cair ao chão.

Velkan quase não podia respirar. Ele ainda não podia acreditar que lhe estivesse permitindo tocá-la. Não depois de toda a raiva que ela o tinha feito passar. Todos os insultos que tinha tido que lhe devolver ao longo dos séculos. Se fosse inteligente, tivesse-a enviado a fazer as malas. Mas como podia? Além da raiva, ele sabia a verdade.

Ainda a amava. Ainda a desejava.

Ela ainda era tudo para ele.

E ela possivelmente mudasse de idéia...

Isso seria muito cruel. Cruel mesmo para a filha de Vlad o Empalador.

Com olhos obscurecidos pelo desejo e a paixão, separou-se da cama para tirar-se ela mesma as calças. Velkan pensou que ia morrer quando ela chegou a suas meias. Sua respiração se converteu em curtos e agudos ofegos quando ela lambeu os lábios, rindo-se dele, excitando-o. As pontas de seus dedos foram sob o tecido negro.

-Quer que vá?- perguntou ela vacilando enquanto ele esperava a que ela baixasse essa maldita e excessiva peça de tecido.

O que? Estava louca? Ou só planejava lhe esfriar?

-Infernos, não- grunhiu ele.

Sorrindo, tirou lentamente as meias de suas pernas até que pôde sair delas. Nesse momento, era uma luta não gozar só em ver sua nudez. Maldição, ela tinha o corpo mais quente que os deuses tinham outorgado a uma mulher.

Certo que seus peitos não eram muito grandes e seus quadris eram um pouco largos, mas não lhe importava. Não havia mulher mais perfeita.

Retta adorava o poder que ela sentia quando ele a olhava com os olhos entrecerrados. Ainda assim, ela podia dizer quão impaciente estava ele. Mas isso não era nada comparado a quão perfeitamente queria ela em lhe saborear.



Ela apartou a um lado as mantas que cobriam o corpo do Velkan, então se arrastou para trás na cama entre as pernas dele sem romper jamais o contato visual com ele. Com a boca seca, ela finalmente baixou o olhar para o vulto ao fundo de seu pijama. Ela poderia ter jurado que o ouviu choramingar.

Mas ainda não se moveu enquanto ela movia sua mão de modo que pudesse lhe cobrir através do tecido. Ele gemeu como se estivesse sendo torturado, e ainda assim ela sabia pelo olhar de alívio de seu rosto que ele estava desfrutando imensamente. Isto ainda não era o bastante. Seu coração martelou quando todo seu corpo se acendeu por ele, ela afundou sua mão dentro de suas calças para lhe tirar fora. Sua pele estava tão quente e lisa quando ela tocou seu pênis. Ele já estava molhado e gotejando. Acariciou sua extremidade, fazendo que ele arqueasse suas costas como se estivesse sendo torturado.

Rindo com prazer ante sua resposta, ela afastou sua mão de modo que pudesse provar a salgada doçura dele.

Velkan estava absolutamente em chamas quando ele a viu lamber a ponta de seu dedo. Mas isso não foi nada comparado ao que sentiu quando ela pegou o elástico de suas calças para tirar. Ele levantou seus quadris para ajudá-la, embora a lentidão dela começasse a lhe chatear. Ele queria saboreá-la, e ao mesmo tempo queria estar dentro dela com tal desespero que apenas podia conter-se. Era tudo o que podia fazer para não agarrá-la e colocá-la debaixo dele.

Mas sua paciência se esfumou quando ela atirou suas calças sobre seu ombro, baixando depois a cabeça para tomá-lo na boca.

A visão de seu cabelo sobre seu próprio corpo enquanto lhe provava era mais do que ele podia suportar. Ela elevou o olhar e encontrou a dele com nada mais que uma fome crua em seu olhar... Ele teve que apertar seus dentes para agüentar seu orgasmo. Mas era difícil e ele não queria terminar tão rapidamente.

Ele teve que recostar-se e ficar olhando o teto só para controlar-se, e ainda assim sentia o úmido calor de sua boca quando ela o lambia da base à ponta.



Retta grunhiu profundamente quando viu o Velkan apertar o lençol em seus punhos. Ele levantou sua perna entre as suas, e quando sua coxa tocou seu centro ela quase gozou com o agudo prazer disso. Devia-lhe tanto e não ia deixar lhe até que ele soubesse o muito que sentia o que tinha feito a ambos.

Com seu corpo palpitando, ela foi depositando beijos em seu caminho desde seu pênis até seu umbigo. Então moveu seus quadris de modo que ela pudesse lhe lambar enquanto ele afundava seus dedos profundamente dentro dela. Fechando seus olhos, saboreou seu contato enquanto se movia para assim montar-se sobre seus quadris.

Ele moveu sua mão e embalou sua mão cara antes de beijá-la, e nesse momento cada mau pensamento que ela tinha levado dele se fundiu e não pôde recordar que havia nele que a tinha feito escapar. Fechando seus olhos, ela saboreou sua língua e sua boca. Saboreou a sensação de suas mãos sobre seu rosto antes de descer a si mesma sobre ele.

Velkan tremeu quando ela tomou dentro durante todo o caminho até sua base. Ele tinha sonhado com este momento os últimos quinhentos anos. E todos esses sonhos empalideciam em comparação a este único momento. Ele inalou a doce fragrância de sua pele quando ela o montou lenta e facilmente.

Isto era tudo o que ele tinha querido em toda sua vida. Esperetta em sua cama. Seu corpo dentro do dela. Ele deixou escapar um profundo grunhido enquanto ela continuava montando-o, conduzindo-os para seu mútuo prazer. Ela mordiscou e lambeu a ponta de seu dedo enquanto ele riscava brandamente a curva de seus lábios.

Precisando tocá-la, ele deixou cair sua mão para debaixo de modo que pudesse tomar seu seio em sua mão e brincar com seu duro mamilo com sua palma. Elevando seus quadris se introduziu ainda mais profundo nela.

Retta sorriu e tomou a mão do Velkan nas suas enquanto dava a ambos o que necessitavam. O olhar de prazer de seu rosto só fazia eco da sua própria. Sentia-se tão bem voltar a estar com ele. Tão natural. Pela primeira vez em séculos, ela honestamente se sentia igual como se estivesse em casa.

E ela jamais se voltaria a partir outra vez.



Esse pensamento a varreu um instante antes que seu corpo se estremecesse e convulsionasse. Seu corpo explodiu em uma gloriosa inundação de êxtase. Gritando, inclinou-se para diante sobre o Velkan quando acelerou seus embates, aumentando ainda mais seu prazer.

E quando ele gozou, sussurrou seu nome igual a uma ofegante prece. Isso lhe deu mais esperança que nenhuma outra coisa de que lhe perdoasse.

Com o coração acelerado, ela se deitou sobre seu peito enquanto ele a sustentava perto da luz do fogo. Não havia som algum no quarto à exceção de sua respiração e o som de seu coração retumbando sob sua bochecha. Fechando os olhos, ela inalou sua essência e acariciou os músculos de seu braço.

Velkan permaneceu em silêncio enquanto sentia cada parte do corpo dela pressionado contra o seu. Ele amava a sensação de sua pele sobre a sua. De sua mão acariciando seu braço.

Mas ele sabia que isto não podia durar.

Sabia que não podia confiar nela.

Não importava a maneira em que ele se sentia agora, o passado estava ancorado com força em sua mente. E era esse passado o que não queria reviver. Aprendendo a seguir através de cada dia enquanto uma parte patética dele tinha seguido olhando a estrada, pensando, não, rogando, que ela voltasse para ele.

Possivelmente estivesse com ele agora, mas ela não tinha acreditado nele. Nunca o faria. E o queimava mais que um potente veneno.

-No que está pensando? - sussurrou ela.

-Perguntava-me quando pegaria o próximo vôo para sair daqui.

-Não vou, Velkan.

-Não acredito. Tem um trabalho ao que retornar. Uma vida a que voltar.

Retta ficou calada ante isso. Ele tinha razão... e estava errado.

- Tinha um trabalho no passado ao que poderia retornar. Também posso deixar este. Eu pertenço aqui contigo.

Ele não disse nada, mas a dúvida em seus olhos a atravessou.

-Daria-me ao menos outra oportunidade?



-Para que?

-Para ser sua esposa.

-Acredita que poderia te fazer feliz? Eu estou destinado aqui na Romênia. Nos limites do mundo que você tinha abraçado. Não seria feliz sem todas as comodidades às que está acostumada. Além disso, os Dark-Hunters não estão casados. Nem sequer se supõe que tenham nenhum tipo de laços sentimentais qualquer que sejam.

-Então recupera sua alma e te libere.

-E se não quero isso?

Sua pergunta a pegou com a guarda baixa.

-Seguiria servindo a Artemisa?

-Sou imortal e um animal, recorda? Vivo para a guerra.

-Escolheria isso antes que a mim?

Seus olhos negros a queimaram.

-Você escolheu muito menos que isso por mim.

Retta apartou o olhar envergonhado. Tinha toda a razão. Com o coração pesado, separou-se dele. Seu olhar pousou sobre as zonas de seu corpo onde a pele estava ainda empolada devido a seu resgate.

-Então suponho que não há futuro para nós.

Ele deixou escapar cansado um suspiro.

-Nunca o teremos, Esperetta.

Ela apertou seus dentes com frustração.

-Então nos divorciamos?

-Por que preocupar-se? A morte já nos separou.

Não é verdade. Estupidamente eles tinham se separado, não a morte.

Retta se moveu da cama e pegou suas roupas antes de vestir-se sem outra palavra. Ela não sabia que dizer.

-Assim que isto é tudo então?

-Sim.

Ela assentiu quando abriu a porta ao corredor. Então vacilou.

-Tenho que dizer que estou surpreendida-

-Por quê?

- Sua covardia. Sempre pensei que tinha mais guelra que isso.

Ele se girou na cama lhe dando as costas.



-Então estamos iguais.

-Como assim?

-Também te julguei mal. Uma vez pensei que valia a pena morrer por você.

A porta se fechou de repente diante do nariz dela.

Retta ficou ali olhando fixamente a porta de madeira com a boca aberta, suas palavras ressonando em seus ouvidos. Ela golpeou a porta com o olhar, meio tentada de lhe pegar uma patada e golpear a ele. Mas não lhe daria essa satisfação.

Bem. Se ele queria jogar dessa maneira, que assim fosse. Longe estava de ela discutir. Como ele tinha dito, ela tinha uma vida na América. Levantando seu queixo, deu meia volta e caminhou para seu quarto ao final do corredor.

E com cada passo que ela dava, mais lágrimas escapavam de seus olhos quando a dor a atravessou. Com o coração quebrado, abriu a porta para encontrar a Raluca em seu quarto, sacudindo a cabeça ante ela.

Retta esclareceu a garganta.

-Não me olhe assim. Você não entende.

-Entendo- Raluca cruzou a curta distância entre ela e lhe estendeu sua mão.

Precisando sentir consolo, Retta tomou a mão da Raluca e então ofegou quando um agudo calor a atravessou. Esta a tirou fora do quarto ao interior de um ligeiro vazio que era abrasador e espantoso. Ela ouviu o vento gritando em seus ouvidos quando algo açoitou contra seu corpo. Ela levantou sua mão para proteger seus olhos de uma repentina luz que perfurava a escuridão.

Não longe no senhorio, ela encontrou a si mesma em uma pequena vila onde ela se refugiou com o Velkan depois de que suas famílias se inteiraram de seu matrimônio. A família dele a tinha repudiado e seu pai tinha votado por ver o Velkan morto. E tinha sido seu próprio pai quem os tinha encontrado primeiro.

Completamente imaterial, ela permaneceu na esquina onde ela podia ver o Velkan, quem estava ajoelhado ao lado de seu comatoso corpo. Embora tivessem estado se escondendo, ele não tinha levado a armadura



de guerreiro. Estava vestido com uma simples túnica e mangas. Para seu completo choque, havia lágrimas em seus olhos quando sustentava suas mãos nas suas e lhe beijava a ponta dos dedos. Ela nunca o tinha visto tão vulnerável.

-Não deixarei que te faça mal- sussurrou, baixando sua mão de seu rosto. -Raluca te manterá a salvo por mim. Por favor, não te zangue por que esteja te deixando. É a única maneira que conheço de te liberar para que vivas a vida que merece. Ele a levantou de modo que seus lábios estivessem a só uns centímetro os dela. -Eu te amo, Esperetta. Sempre. E então ele pressionou seus lábios contra os seus antes de apartar-se com um grunhido.

Ainda assim, ela viu a solitária lágrima que se deslizou pelo canto de seu olho, descendo por sua bochecha. Ele a tinha limpo antes que se desse a volta e abrisse a porta de sua vila.

Ali ante ele estava o pai dela com sua arma. Vestido em armadura, seu pai não levava elmo que cobrisse suas duras e características feições. Seu comprido cabelo negro caía sobre seus ombros enquanto entrecerrava seus olhos negros em seu marido. Ela fez uma careta de dor ao ver a raiva contornando a cara de seu pai. Nunca nenhuma só vez tinha visto este lado dele. Para ela, seu pai tinha sido só amoroso e indulgente. Bom. Velkan tirou sua espada e permaneceu ali de pé como se tomasse tudo deles.

-Excedeu-te em número, moço- grunhiu seu pai. -É assim como quer morrer?

-Em batalha, é obvio. É como prefiro. Velkan voltou a olhar por cima de seu ombro. -Mas tem que me prometer que permitirá que meus serventes levem a Esperetta para casa para o enterro. Ainda o jura?

Seu pai franziu os lábios antes de assentir.

Velkan cravou a folha de sua espada no chão ao lado de seus pés. - Então me renderei a ti... ele se deteve antes de dizer, -Misericórdia-entre seus apertados dentes.

Dois dos homens tinham desmontado antes que eles fossem agarrar ao Velkan. Logo que o sujeitaram, seu pai desmontou de seu cavalo. Ele se adiantou com um zangado pavoneio.



-Ela está morta- cuspiu Velkan tentando liberar-se. -Deixa-a descansar em paz.

Seu pai bufou quando entrou na casa e se moveu até ficar a seu lado. Retta conteve a respiração quando viu a dor que obscureceu seu cenho. Seus lábios tremeram levemente quando se inclinou sobre seu corpo. Ele levantou sua mão para pressioná-la contra a boca e nariz dela de modo que pudesse mantê-los fechados.

-Disse-lhe isso - disse Velkan, sua voz bordejando a raiva. -Ela está morta.

Seu pai arrancou a adaga de sua bainha quando se voltou para o Velkan com uma fera maldição. Ela não é nada mais que uma puta Danesti-. E então seu pai afundou a adaga diretamente em seu coração.

Velkan deixou escapar um grito tão angustiado que fez que cada pêlo de seu corpo lhe arrepiasse enquanto se liberava dos dois homens que o sustentavam e pegava sua espada. Antes que pudesse liberá-la, dispararam-lhe duas flechas na suas costas uma na direta a seu ombro, a outra à esquerda de sua espinha dorsal. Velkan se foi de lado, e quando caía, outra flecha impactou em sua perna. Ele gritou alcançando a espada caída. Até que outra flecha foi encaixada em seu antebraço.

-Não o matem! - rugiu seu pai. -Ainda não! - Ele afastou a espada do Velkan de uma patada antes de cravar mais profundamente a flecha que tinha Velkan nas costas. Velkan grunhiu, tentando apartar-se, mas não havia nada que ele pudesse fazer.

Em vez disso, olhou para dentro onde estava ela. -Esperetta- ofegou em um tom que estava empapado com a tragédia e a perda.

Seu pai aferrou ao Velkan pelo cabelo e lhe deu a volta.

-Ela é a menor de suas preocupações, bastardo.

Velkan tentou lutar, mas estava muito ferido para ter efeito sobre os cavalheiros que estavam mais bem armados. Incapaz de suportá-lo, Retta se voltou.

-Me tire daqui, Raluca. Agora.

Ela o fez, mas ainda não tinha levado a Retta de volta à mansão. Em vez disso, Raluca a levou onde seu pai estava torturando o seu marido. A respiração da Retta se reteve em sua garganta quando viu como sangrava



e se convulsionava quando eles lhe punham atizadores quentes sobre a pele.

-Basta! - gritou aterrada, fechando seus olhos e cobrindo seus ouvidos. -Me leve para casa. Agora!

Para seu instantâneo alívio, Raluca a obedeceu.

Retta a olhou com irritação.

-Qual era o objetivo disto?

-Que entendessem.

-Tenho-o feito, de acordo? Estava disposta a tudo...

-Não, não você. Eu sei que estava pronta para começar de novo. Mas agora sabem por que o Príncipe Velkan não o está. Você não podiam sequer ver o que seu pai fez a ele e nem sequer viu o pior disto. Os olhos da Raluca brilharam com raiva quando a olhou. -O que acredita que tivesse dado se pudesse simplesmente fechar seus olhos e me dizer que lhe levasse a casa?

Retta tragou através do nó que tinha em sua garganta. Raluca tinha razão. Ele tinha agüentado o inferno por ela.

-Não posso desfazer o que fiz e ele não me perdoará. Se tiver algum truque mágico em sua bolsa que nos una, então tira-o. Mas a estas alturas, não sou a única está sendo obstinada aqui. E não sou a única tem que perdoar. Desculpei-me. Não há mais que eu possa fazer.

Raluca deixou ir sua mão antes de assentir brevemente.

-Tem absoluta razão, Princesa. Perdoe-me.

E antes que ela pudesse piscar, Raluca se desvaneceu do quarto.

Velkan se esticou quando sentiu uma presença detrás dele. Voltou-se rapidamente na cama para encontrar a Raluca lhe olhando com um inquietante olhar.

-Algo vai mal?

-Sim. Ela se estirou e tocou seu braço.

Velkan aspirou entre dentes quando sua visão se apagou. De repente já não estava em seu quarto. Estava em completa escuridão com um tremendo peso lhe oprimindo o peito. Era quente e asfíxiante. Opressivo.



Algo cheirava como a terra putrefata. Úmida e fria. Isto o asfixiava. Ele não podia respirar quando um podre terror cruzou através de seu corpo. Desesperado, empurrou através da escuridão.

Esta não cedia.

Mais desesperado que antes, empurrou mesmo mais forte. Só que esta vez, causou que algo caísse sobre ele. Ele tossiu e se afogou quando todo seu rosto foi coberta com pesada e suja terra. O peso desta era lhe torturem. O forte sabor arenoso, cheia sua boca e seu nariz quando tentava empurrar e cavar, tentando liberar-se disto.

Ele nunca havia sentido nada igual a isso. Cada movimento só fazia que piorasse. Cada segundo passava com atroz lentidão enquanto lutava contra sua prisão. Parecia ter acontecido uma eternidade antes que ele finalmente se livrasse disso. Tossindo e vomitando terra, encontrou-se a se mesmo emergindo de um sepulcro que só tinha um simples nome e uma data.

ESPERETTA D. 1476

Confuso, baixou o olhar a suas mãos, só que não eram as suas. Eram femininas e estavam cheias de arranhões e feridas de cavar. Eram as da Esperetta.

Ainda tossindo, tentou liberar-se da tumba, mas o peso de seu vestido puxava para o ataúde. Temendo cair, golpeou-o com os pés, rompendo a prega e usou seus braços trementes para tratar de sair da tumba.

E quando se estendeu sobre o chão, tentado tirar o sabor a sujeira de sua boca, seus pensamentos giraram.

O que tinha acontecido?

Estaremos juntos, Esperetta. Confia em mim. Quando despertar, estarei a seu lado. Iremos a Paris, só os dois, e começaremos nossas vidas. Ninguém saberá quem somos.

Só que não estavam juntos. Não havia rastro do Velkan agora. O pânico se apropriou da Esperetta quando olhou para o frio, desolador cemitério. Onde poderia estar ele?



Uma onda de terror passou através dela quando temeu por ele. Certamente não estava morto. Não seu Velkan. Ele tinha sido sempre tão forte. Tão feroz.

-Por favor - ela se limpou as lágrimas que caíam de seus olhos. Tinha que lhe encontrar. A última coisa que ela queria era viver sem ele. Ele significava tudo para ela.

Insegura de onde ir, dirigiu-se através da fria escuridão para as luzes do povo, desesperada por ele. Não foi até que ela teve alcançado a rua que se deu conta que não estava longe da casa de seu pai.

Por que estava ali? Ela tinha tomado sua bebida muito longe desse lugar.

Com o Velkan.

Sem nenhum lugar aonde ir, ela se dirigiu para o palácio de seu pai. Mas nunca alcançou as portas. Antes que pudesse fazer mais que deslizar-se na ponte, ouviu o som do entrecocar das espadas.

E então ouviu o grito de seu pai.

Sem um pensamento claro, correu para o som só para escorregar quando viu seu pai deitado morto aos pés do Velkan. Sua boca deixou escapar um afogado grito quando viu seu marido chutar o corpo de seu pai e lhe amaldiçoar. Mas isso não foi o pior. O pior vinha do único movimento da espada que separou a cabeça de seu pai de seu corpo.

A fria satisfação sobre a cara do Velkan lhe queimou os olhos enquanto agarrava a cabeça de seu pai pelo cabelo e a atirava sobre o chão. - Morte à casa dos Dracul. Pois toda ela se queimará no inferno. Essas palavras ressonaram em sua cabeça.

Velkan era um monstro!

Esta vez seu grito saiu do profundo de sua alma.

Velkan se moveu de um puxão quando esse grito ressonou através de sua memória. Ele tentou liberar do apertão da Raluca, mas ela se negava a deixá-lo ir.

-Suficiente! - rugiu ele. -Não quero ver nada mais.

Ela finalmente o soltou.

A respiração do Velkan era trabalhosa quando ficou olhando a Were-Hunter.



-Como pode fazer isso?

Ela cruzou os braços sobre seu peito. -Meu pai era um Dream-Hunter. Eu herdei algumas de suas habilidades, tais como manipular a realidade de modo que você pudesse experimentar essa noite como Esperetta.

-Por que fez isso?

-Por que eu perdi meu companheiro pelo ódio de uma Ordem que nunca deveria ter existido. Não há nada que eu possa fazer por isso, mas vós perdestes um ao outro por que ambos são muito orgulhosos e obstinados para admitir que lhes equivocassem.

-Como poderia mesmo acreditar...

-Velkan!- repreendeu-o Raluca em um tom que ele jamais tinha ouvido antes quando lhe chamava por seu nome. -Viu essa noite através de seus olhos. Não foi culpa dela. Você lhe ocultou a verdade sobre seu pai. Nunca nenhuma só vez lhe deixou saber qual louco mortal era Vlad. Nunca o fez. Para ela, ele era um decente e carinhoso pai. Ela nunca viu sua brutalidade. Mas você... você a ela. À noite em que a conheceu, decapitou um homem frente a ela. Ela só era uma jovem que tinha sido seqüestrada em um convento. Pode imaginar o horror disso?

Ele apartou o olhar quando recordou quão assustada tinha estado Esperetta. Todo o corpo dela tinha tremido em seus braços durante todo o caminho a casa e ela tinha estado atormentada por pesadelos durante meses sem final. Ele a tinha mantido na ignorância e lhe tinha jurado que nunca permitiria que ninguém a machucasse outra vez.

Até que seu pai a tinha matado.

Mas isso não mudava nada. Esperetta não o tinha amado e ele nunca voltaria a expor a si mesmo a esse tipo de dor outra vez.

-Pede mais do que posso dar.

-Muito bem, mas saibam isto. A princesa não se separou de seu lado desde que lhe trouxeram aqui. Ela poderia ter tentado escapar de nós, mas não o tem feito. Ela esteve te cuidando igual a uma leoa vigia seu filhote. E durante quinhentos anos sacrifiquei a minha filha e sua felicidade para cuidar da Esperetta para ti. Já me cansei. Se a princesa se for, irá sozinha.

-Eu proíbo.



-Eu sou sua criada, meu Senhor. Minha filha não o é. Se quiser que a princesa esteja vigiada, então lhes sugiro que o faça você mesmo.

Velkan ofegou ante suas palavras. Nunca lhe tinha falado dessa maneira. Nenhuma só vez.

-Não fala a sério.

-OH, mas o faço. Francesca não teve nenhum namorado e eu quero netos. É hora de que seja livre para encontrar seu companheiro. Vocês jogaram fora a sua por escolha. Francesca deveria ao menos ter a oportunidade de ser tão estúpida, não?

Ele honestamente não tinha resposta para isso. O que podia dizer? Era um parvo. Mas como podia deixar a um lado os séculos?

Como não poderia?

-Te deite ali, Príncipe, só em sua cama. Eu vou conseguir um vôo para a princesa. Ela já é adulta. Deixaremos que encontre seu próprio caminho no mundo. E com isto Raluca o deixou só.

-Boa tentativa- disse ele repentinamente em voz baixa, mas ainda quando as palavras lhe deixaram, ele sabia. Não permitiria a Esperetta ir-se dali. Não enquanto a Ordem estivesse aí fora. Ela não era o bastante forte para proteger-se deles.

Eles eram ardilosos.

Ele iria simplesmente para ela e...

Pedir-lhe-ia que ficasse.

Ele soprou ante a voz em sua cabeça. Ele nunca tinha rogado por nada, nem sequer por piedade enquanto o pai dela o tinha torturado. Ordenaria que ficasse. E ela... certamente riria em seu rosto.

Tem que pedir-lhe.

- Então ela pode ir-se. Mas ele sabia. De fato estava já descendo de sua cama. Com as emoções desbocadas, pôs rapidamente um par de calças e uma camisa que tinha perdido alguns botões.

Quando se deteve ante a porta, esta se abriu de repente e quase o golpeia. Horrorizado, ele viu como Andrei e Viktor entravam com um enorme baú entre eles. Esperetta os seguiu à habitação.

Ele ficou atônito quando eles colocaram o baú aos pés de sua cama.

-O que é isto?



O homem não respondeu. De fato se negou a encontrar seu olhar quando se apressaram a deixar seu quarto.

-Há outro baú que também precisa ser transportado. Disse-lhes Esperetta.

Victor se encolheu quando olhou ao Velkan, então assentiu.

-Sim, Princesa.

-Que baú? Perguntou Velkan, aproximando-se de sua esposa.

-Meu baú. Estou-me mudando.

- Para onde?

-A meu quarto. Aqui.

Completamente atônito e pasmado, abriu e fechou a boca, incapaz de falar.

Esperetta caminhou para ele e colocou seu dedo sobre seu queixo antes de lhe fechar a boca.

-Sei que não confia em mim, mas a merda.

Ele teria ofegado outra vez devido a sua blasfêmia se sua mão não o tivesse prevenido.

-Esta é minha casa e você é meu marido. Cometi um engano e por isso o sinto, mas não vou passar por uma idiota.

Ele se afastou dela.

-Os Dark-Hunters não estão casados-.

Bom então deveria ter dito a Artemisa antes que ela fizesse um trato contigo e como consequência me devolvesse à vida, huh? Você foi criado como um Dark-Hunter casado. Dificilmente acredito que eles vão queixar se agora.

Ela tinha um ponto respeito a isso.

-Mas...

Ela silenciou suas palavras com um beijo.

Velkan grunhiu quando ela explorou cada polegada de sua boca e enterrou uma mão em seu cabelo.

-Esperetta...

-Não - disse ela, aferrando seu apertão em seu cabelo. -Não quero ouvir protestos vindos de ti.

Ele sorriu ante isso.



-Não estava protestando. Só queria dizer bem-vinda a casa.

Retta ficou sem respiração ante suas inesperadas palavras.

-De verdade?

Ele assentiu, mas mesmo assim ela podia dizer que ele não acreditava verdadeiramente nela. Mas ao menos lhe estava permitindo ficar. Isso era um começo, e era um que lhe dava esperança.

A porta se abriu outra vez quando Viktor e Andrei entraram com o seguinte baú. Eles se detiveram na porta.

-Deveríamos voltar mais tarde? - sugeriu Andrei.

-Sim - disse Velkan, com voz densa. - E demore bastante tempo.

Os homens deram meia volta.

Retta riu até que Velkan a beijou outra vez. Sim, isso era o que ela necessitava, ao menos até que ele se tornou atrás e olhou para o baú.

-Você não chegou aqui com baús.

Ela se mordeu o lábio envergonhada.

-É simbólico- confessou ela. -A verdade é que estão vazios. Então ela franziu o cenho ao dar-se conta de que ele estava vestido.

-Aonde ia?

-A nenhum lugar.

Ela arqueou uma sobrancelha ante isso quando a suspeita passou repentinamente através dela.

-Não?

Ela o viu vacilar antes de falar em uma profunda voz carregada de emoção.

-Ia te buscar e te pedir que ficasse.

-De verdade?

Assentiu. -Não quero que vá, Esperetta.

-Está disposto então a confiar em mim?

Respondeu-lhe evasivo. -Bem...

-Velkan!

Ele beijou seus lábios, derretendo seu aborrecimento.

-Confiarei em ti, mas só se me jurar que nunca irá daqui outra vez.

Ela envolveu seus braços ao redor de seus ombros e encontrou o satisfeito olhar escuro.



-Só irei se você vier comigo. Prometido. Então ela esfregou a ponta de seu nariz com a dele antes de encontrar seus lábios e selar essa promessa com um abrasador beijo.

EPÍLOGO

Em todos estes séculos, Velkan nunca se preocupou com a Ordem. Ele os tinha deixado desbocar-se sem sua interferência. Mas todo isso ia terminar.

Eles tinham ameaçado a Esperetta e quase a tinham matado. Agora que sua esposa tinha retornado, não ia deixar que ninguém a tirasse outra vez.

Sem preâmbulos, ele usou seus poderes para fechar a porta da casa do Dieter. Velkan irrompeu através da soleira como se fosse dele. Dieter e Stephen o olharam com um ofego igual a outros cinco homens.

E antes que Velkan pudesse mover-se, dispararam-lhe uma flecha ao peito. Ele a pegou em seu punho e a atirou ao chão.

-Nem sequer tente outra vez- ameaçou ele.

-Q-O que está fazendo aqui?- disse Dieter com uma fina capa de suor sobre sua frente.

Velkan dedicou a cada membro um olhar hostil que deveria acovardá-los adequadamente.

-Estou aqui para enterrar a tocha como está acostumado a dizer-se. Onde enterrá-la exatamente isso é inteiramente coisa tua. Podemos enterrá-la na terra e deixar o passado a um lado ou posso enterrá-la no coração e cabeça de cada um de vós. De qualquer maneira, a perseguição de minha esposa e seus amigos se deterá agora.

Dieter bufou.

-Não vais vir aqui e nos dar ordens.

Velkan disparou uma rajada aos pés dele.

-Seja inteligente. Toma o que te estou oferecendo. Prometi a Esperetta que já não seria um bárbaro. Assim estou tentando ser



civilizado a respeito disto e te deixar viver mesmo embora o senhor da guerra em meu interior se banharia em suas vísceras.

-Nós juramos...

-Deixa-o- cuspiu Velkan, cortando ao Dieter. -Eu fui um dos membros desta Ordem faz quinhentos anos e conheço o juramento que todos têm feito. E eu tenho feito um novo. O próximo homem ou besta que ameace a minha esposa ou a meus serventes não viverá para lamentar essa estupidez. Fica claro?

Esperou até que cada homem assentiu.

Velkan respirou profundamente. -Bem. Agora que estamos de acordo, lhes deixarei em paz.

Voltando-se para a porta, Velkan vislumbrou algo pelo canto de seu olho. Antes que pudesse reagir, soou um único disparo.

Ele virou cuidadoso para um canto do quarto onde Esperetta estava parada com a Raluca, Francesca, Viktor e Andrei.

Esperetta sustentava a arma em suas mãos. Seus olhos estavam entrecerrados sobre os homens no quarto.

-Alguém quer tentar e ir atrás de meu marido?

Velkan viu o Dieter deitado no chão com um simples disparo em seu peito. Atônito, Velkan encontrou o olhar da Esperetta.

Ela não falou quando se moveu para ele para agarrar sua mão enquanto os lobos ficavam as suas costas.

-Cavalheiros- disse ela lentamente. -Eu acredito que a maioria de vocês conhece a família do Illie e acredito que eles querem ter umas palavras com vocês. A sós.

Stephen ficou em pé.

-Retta...

-Deixa-o, Stephen. Já me há dito o que precisava saber.

Velkan não estava seguro de que devia fazer, mas quando Esperetta se foi ele a seguiu. E logo que as portas se fecharam atrás dele, ouviu os gritos dos homens.

Ele ficou olhando ligeiramente atordoado a sua esposa.

-Pensei que queria lhes perdoar.



-Não sou a menina com a que te casou, Velkan. Sou uma mulher que entende agora como funciona o mundo. Eles não teriam parado de nos perseguir. De todas as maneiras. Frankie e sua família reclamam uma dívida de sangue pelo que a Ordem fez a seu pai. Disse-lhe -Bon appétit- Ela caminhou para o interior de seus braços e depositou um casto beijo em sua bochecha.

-Obrigado-

-por quê?

-Por tentar ser um cavalheiro quando eu sei que tem que ir contra cada parte de sua natureza.

Tomou a pistola de sua mão e a lançou aos bosques antes de tomar seu rosto em suas mãos.

-Por ti, Esperetta, tudo.

Dedicou-lhe um olhar especulativo.

-Tudo?

-Sim -

-Então vêm e te dispa comigo. Agora mesmo.

Velkan riu antes de beijá-la ligeiramente nos lábios. E pela primeira vez em sua vida, ele esteve encantado de submeter-se às ordens de alguém.

-Como você deseje... Princesa.

Fim

	Projeto Revisoras Traduções Grupo Romances Traduzidos http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/ Comunidade Romances S.A. http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161
--	--